



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA GUILHERMINA CAMILO E SILVA

**O BOM VIZINHO EM FOCO: REPRESENTAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS NA
IMPrensa BRASILEIRA ATRAVÉS DO JORNAL O GLOBO (1945-1964)**

**CAMPINA GRANDE
2024**

MARIA GUILHERMINA CAMILO E SILVA

O BOM VIZINHO EM FOCO: REPRESENTAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS NA
IMPrensa BRASILEIRA ATRAVÉS DO JORNAL O GLOBO (1945-1964)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus I, como requisito para
obtenção do Título de Graduação em
História, sob orientação do professor Dr.
José Adilson Filho.

Área de concentração: Relações de
poder, subjetividades e cultura política

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE
2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586b Silva, Maria Guilhermina Camilo e.

O bom vizinho em foco [manuscrito] : representações dos estados unidos na imprensa brasileira através do jornal o globo (1945-1964) / Maria Guilhermina Camilo e Silva. - 2024.
59 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de
História - CEDUC".

1. Representação estadunidense. 2. Imprensa brasileira. 3.
O Globo. I. Título

21. ed. CDD 981.062

MARIA GUILHERMINA CAMILO E SILVA

O BOM VIZINHO EM FOCO: REPRESENTAÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS NA
IMPrensa BRASILEIRA ATRAVÉS DO JORNAL O GLOBO (1945-1964)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, Campus I,
como requisito para obtenção do Título de
Graduação em História, sob orientação do
professor Dr. José Adilson Filho

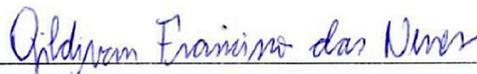
Área de concentração: Relações de poder,
subjetividades e cultura política

Aprovada em: 21/11/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Gildivan Francisco Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Noemia Dayana de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À meu avô, Cristino Camilo Pereira (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, que sempre fez o possível e o impossível por mim, que me apoia incondicionalmente, e a quem devo tudo que sou.

À minha família, por viverem comigo (de longe, em sua maioria) essa jornada em outra cidade, momento de crescimento, experiências e realizações que jamais teria sido possível sem a certeza de que, se necessário, teria sempre para onde voltar.

Ao meu pai, que nunca mediu esforços pela minha educação, e que me deu o apoio, o incentivo e a oportunidade de ir além. Eu amo vocês.

À meus amigos: Vitória e Geovanna, por estarem presentes em todas as fases da minha vida, dividindo comigo as batalhas e as conquistas, independentemente da distância; Eduarda e Gabriela, pelo apoio incondicional nas madrugadas de insegurança e a amizade genuína com que me presenteiam todos os dias; Audi, pelo conhecimento compartilhado e as experiências vividas, por acreditar e me motivar a ser mais; à Laura, por ser muitas vezes o motivo que me fazia levantar da cama pela manhã. Pela sintonia, pela parceria incontestável. Por dividir comigo preocupações e ansiedades, os risos e os sonhos, e, acima de tudo, essa experiência. Por entender, mesmo sendo complicado às vezes. Não imagino uma jornada acadêmica sem você. Obrigada.

Ao meu orientador José Adilson Filho, pelas oportunidades e os conselhos, a voz que ajudou a me guiar nesse desconhecido. Aos professores escolhidos a dedo para minha banca, Noemia e Gildivan, pelas contribuições que deram a este trabalho, talvez sem imaginar.

Aos meus professores de História do Fundamental e Médio, Dominick, Patrícia e Tatiana, que mantiveram acesa a chama da curiosidade até que ela queimasse sozinha.

A Deus, que me trouxe até aqui.

Eu digo mesmo é eu te amo
e não I love you
Enquanto houver Brasil

Carmen Miranda

RESUMO

Apesar da existência de muitos estudos acerca da relação entre Brasil e Estados Unidos, que data desde o início do século XIX, e a chamada “americanização do Brasil” que ocorreu na década de 1940 com o advento da Segunda Guerra Mundial, é mais comum encontrar trabalhos sobre sua influência na mídia focado em cinema, música e até rádio. Numa sociedade ainda sem a facilidade atual da televisão, os jornais impressos eram a principal fonte de informação, o que colocava em evidência o poder da imprensa e conseqüentemente sua influência. O presente trabalho tem como objetivo explorar as representações dos Estados Unidos na imprensa brasileira durante os anos de 1945-1964 através do jornal carioca *O Globo*, levando em consideração as interações anteriores entre os países, contexto político-cultural do Brasil e o papel da imprensa na sociedade brasileira. Através de autores clássicos da História da Imprensa como Maria Helena Capelato (1988), Tania Regina de Luca (2005) e Nelson Werneck Sodré (1966), e relacionando à conceitos de autores da História Cultural e Análise do Discurso, José D’Assunção Barros (2023), Roger Chartier (1990), Sandra Pesavento (2012) e Michel Foucault (1970). O jornal *O Globo* desempenhou um papel ativo na criação de uma narrativa favorável ao imperialismo norte-americano, utilizando estratégias sutis, como o destaque de temas e figuras políticas, a escolha das palavras e a estrutura visual das reportagens, estratégias observadas através da análise de suas matérias.

Palavras-Chave: Estados Unidos; imprensa; representação; O Globo.

ABSTRACT

Despite the existence of numerous studies on the relationship between Brazil and the United States, which dates back to the early 19th century, and the so-called "Americanization of Brazil" that occurred in the 1940s with the advent of World War II, it is more common to find works focused on its influence in the media, specifically in cinema, music, and even radio. In a society still lacking the modern convenience of television, printed newspapers were the main source of information, highlighting the power of the press and consequently its influence. This study aims to explore the representations of the United States in the Brazilian press during the years 1945-1964, specifically through the Rio de Janeiro newspaper *O Globo*, taking into account previous interactions between the two countries, the political-cultural context of Brazil, and the role of the press in Brazilian society. Drawing on classic authors in the history of the press such as Maria Helena Capelato (1988), Tania Regina de Luca (2005), and Nelson Werneck Sodré (1966), and relating them to concepts from authors in Cultural History and Discourse Analysis such as José D'Assunção Barros (2023), Roger Chartier (1990), Sandra Pesavento (2012), and Michel Foucault (1970), this paper demonstrates how *O Globo* played an active role in shaping a favorable narrative for U.S. imperialism. The newspaper used subtle strategies, such as emphasizing certain themes and political figures, word choices, and the visual structure of its reports, strategies that are analyzed through the examination of its articles.

Keywords: United States; press; representation; O Globo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1** – Recorte do Jornal *O Globo* do dia 4 de novembro de 1955. *Página 24.*
- FIGURA 2** - Print da página de pesquisa do acervo digital do jornal *O Globo*. *Página 31.*
- FIGURA 3** – Primeira página do jornal *O Globo* do dia 13 de abril de 1945. *Página 33.*
- FIGURA 4** – Manchete no Jornal *O Globo* do dia 8 de outubro de 1945. *Página 34.*
- FIGURA 5** – Primeira página do jornal *O Globo* do dia 1 de setembro de 1947. *Página 37.*
- FIGURA 6** – Primeira página do jornal *O Globo* do dia 27 de maio de 1948. *Página 39.*
- FIGURA 7** – Recorte do jornal *O Globo* do dia 7 de março de 1949. *Página 40.*
- FIGURA 8** – Página do jornal *O Globo* do dia 15 de agosto de 1949. *Página 40.*
- FIGURA 9** – Página do jornal *O Globo* do dia 19 de julho de 1949. *Página 41.*
- FIGURA 10** – Radiofoto de Eisenhower, exclusiva do jornal *O Globo*, presente na capa da edição de 5 de novembro de 1952. *Página 43.*
- FIGURA 11** – Radiofoto de Eisenhower, exclusiva do jornal *O Globo*, presente na capa da edição de 5 de novembro de 1952. *Página 44.*
- FIGURA 12** – Recorte do jornal *O Globo* do dia 21 de maio de 1956. *Página 47.*
- FIGURA 13** – Recorte do jornal *O Globo* do dia 8 de janeiro de 1957. *Página 48.*
- FIGURA 14** – Recorte da entrevista de Nikita Khrushchev no dia 11 de fevereiro de 1958. *Página 50.*
- FIGURA 15** – Página do jornal *O Globo* do dia 21 de janeiro de 1961. *Página 51.*
- FIGURA 16** – Recorte do jornal *O Globo* do dia 18 de agosto de 1961. *Página 53.*
- FIGURA 17** – Recorte da edição do dia 7 de março de 1964. *Página 55.*
- FIGURA 18** – Comunicado do jornal *O Globo* sobre a falta de uma edição do primeiro dia de abril de 1964. *Página 56.*

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tabela de preços do jornal *O Globo*. *Página 31*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPI – *Committee on Public Information* (Comitê de informações públicas)

EUA – Estados Unidos da América

EE. UU. – Estados Unidos

FEB – Força Expedicionária Brasileira

OCIAA – *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos)

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USIA – *United States Information Agency*

USIS – *United States Information Service*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	POLÍTICA E CULTURA: UMA BREVE RECAPITULAÇÃO DO SÉCULO XX	17
2.1	Política: Relações e intervenções	16
2.2	Cultura: Agência de Propaganda	22
3	IMPrensa	26
3.1	A imprensa como força política	26
3.2	O jornal <i>O Globo</i> como ferramenta	29
4	ANÁLISE DO JORNAL	31
4.1	O pós-guerra (1945-1953)	32
4.2	A Guerra Fria (1953-1960)	43
4.3	O pré-Ditadura (1961-1964)	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	58
	ANEXO A - LISTA DE PRESIDENTES DOS DOIS PAÍSES E SEUS MANDATOS	61

1 INTRODUÇÃO

Apesar de vir de uma tradição de relações político-econômicas datada no início do século XIX, foi durante a década de 1940 que a ligação entre Brasil e Estados Unidos se fortaleceu além das trocas comerciais. Durante o início da Segunda Guerra, o governo Vargas se manteve em cima do muro em relação a que lado apoiar, sabendo bem que precisaria de um imperialista ou outro para desenvolver a economia fraca do país. Moniz Bandeira (1973) afirma que enquanto a Alemanha estava satisfeita com a posição de neutralidade brasileira, os Estados Unidos teve a reação contrária, exigindo exclusividade. A relação de dependência entre os dois países só foi solidificada completamente após o acordo de financiamento da indústria siderúrgica nacional em 1940, que apesar dos empecilhos permitiu que o Brasil chegasse a outro nível de industrialização, forçando uma associação dos Estados Unidos com o país caso desejassem manter a influência e sua posição econômica.

Antonio Pedro Tota (2000) corrobora com a ideia de que a tão conhecida “Política da Boa Vizinhança”¹ não foi uma aproximação ingênua e sem interesses além de um bom relacionamento, mas uma tentativa de apagar a imagem intervencionista e autoritária do país através de assistência econômica, tecnológica, militar, e eventualmente cultural, buscando reforçar ainda mais essa inserção e manter o continente como parte do seu mercado, sendo essa a maneira mais segura de fazê-lo. Em sua forma inicial, dura até o início da Guerra Fria, quando as características isolacionistas dos EUA perdem lugar diante da globalização e disputa ideológica contra a URSS (*União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*).

Enquanto o inimigo em comum entre o Brasil e os Estados Unidos era o nazi-fascismo, as ideias e a presença estadunidense no país eram bem aceitas, a propaganda de um mundo livre e liderado pelos EUA era agradável mesmo durante o governo autoritário do Estado Novo. Após 1945, os inimigos se divergiram (Tota, 2005, p. 115). Enquanto os Estados Unidos travavam uma guerra contra o comunismo, o Brasil passava por uma disputa interna entre liberais e nacionalistas discordando entre industrializar o país através de investimentos externos ou se modernizar através do capital nacional, defendendo a participação direta do Estado na economia que foi característica do governo anterior. Essas ideias eram muitas vezes interpretadas como simpatizantes do comunismo, alinhando as

¹ Apesar do destaque do período durante e depois da Segunda Guerra Mundial, o termo e a política da Boa Vizinhança foram pensadas no governo Herbert Hoover (1929-1933), quase duas décadas antes quando o presidente recém eleito usou a expressão *Good Neighbor* em um discurso durante uma viagem à América Latina cujo objetivo era estabelecer uma base para a nova política externa de seu país. O termo foi adotado oficialmente por Roosevelt em 1933 (Tota, 200, p.28).

intenções dos liberais com o governo estadunidense, principal investidor estrangeiro, e desagradando os setores contrários.

Nelson Werneck Sodré declara que a produção da cultura estadunidense em massa no Brasil é consequência direta da dependência dos investimentos dos EUA e que a imprensa também sofreu manipulação dos interesses capitalistas dentro e fora do país, já que

[...] o imperialismo controla a informação, na área em que exerce seu domínio. Qualquer leitor, ainda mais o desatento, verifica que o noticiário estrangeiro é o mesmo em todos os nossos grandes jornais, cabendo a cada um apenas o maior ou menor aproveitamento do material informativo que recebe das agências estrangeiras e a margem de engenho na titulação, diagramação e seleção das manchetes. (Sodré, 1966)

Diferente de Sodré, Tota (2000, p. 191) afirma que “houve um projeto de americanização, quer dizer, ações deliberadas e planejadas visando a um objetivo”, atuando de forma conjunta com encorajamentos do setor econômico, que caminharam juntos e apoiaram-se mutuamente. Não como consequência, mas como aliados.

Em 1953 é criada a *United States Information Agency* (USIA), com o objetivo de promover a cultura e os valores dos Estados Unidos através de programas de intercâmbio e meios de comunicação em massa, como programas de rádio e televisão, cinema, jornais e revistas. Era dela a responsabilidade de vender o *American Way of Life* e seus valores, coletar informações sobre a recepção da presença estadunidense no exterior e elaborar formas de se inserir na cultura e sociedade, garantindo assim, uma vantagem no imaginário social quando comparado ao seu rival, a URSS, no que é chamado de Guerra Fria Cultural.

Uma das medidas tomadas pelos EUA para conter a popularidade da URSS dentro do continente latino americano foi a Aliança para o Progresso, projeto iniciado em 1961 pelo presidente John F. Kennedy, disposto a subjugar o comunismo a todo custo. Um programa que teria a duração de dez anos e investiria cerca de 20 bilhões de dólares em países da América Latina para fortalecer economias e estabilizar financeiramente, evitando a popularização do comunismo ao mesmo tempo que cria uma dependência econômica entre os países em desenvolvimento e a forma de capitalismo estadunidense, mantendo-os sob controle político e econômico. Associada aos investimentos e ao apoio ao crescimento das políticas liberais, os Estados Unidos investiu fortemente também em propaganda dentro dos países que visava obter o controle, enfatizando uma propaganda anticomunista em troca de investimento de capital não só em mídias como cinema e música mas também em veículos de informação como rádio e, no caso dessa pesquisa, o jornal.

Entre os jornalistas e empresários que Sodré cita em sua obra como fazendo parte dessa troca de interesses entre capital e distribuição de informação está Roberto Marinho (Sodré, 1966, p. 417), dono do jornal aqui analisado.

Após as mudanças no campo historiográfico nas últimas décadas do século XX, iniciadas com a terceira geração dos *Annales*² aprimorando as concepções já existentes e introduzindo no campo novas formas de pensar História, a chamada Nova História e suas vertentes ganhou espaço entre os historiadores contemporâneos, influenciando a partir daí na forma como é problematizada e são trabalhadas fontes, métodos e abordagens. Apesar de internacionalmente ter começado a ser difundida por volta da década de 1960, a Nova História se consolida no Brasil do final de 1980 e durante toda década de 1990, questionando as vertentes clássicas da historiografia brasileira, como o marxismo e o positivismo.

Sandra Pesavento afirmou em 2003 que 80% da produção historiográfica do país estava centrada na Nova História Cultural, vertente dessa nova historiografia que buscava entender a cultura como mais do que apenas “integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites”, (Pesavento, 2012, p. 14) mas como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (Idem)

A vertente dessa nova historiografia e corrente temática da Nova História Cultural que se pretende aprofundar nesta pesquisa é a Nova História Política e seus pressupostos epistemológicos, como classificados por Pesavento³ (2012). O renascimento da História Política, é decorrente tanto das transformações sociais, políticas e econômicas do final do século quanto da revitalização da História através de seu contato com a interdisciplinaridade, como sua parceria com a Linguística, Sociologia e Psicanálise e outras áreas que possibilitam novas problemáticas e metodologias, mas principalmente sendo creditada a seu diálogo com a Ciência Política.

Entre as novas metodologias possibilitadas pela inserção da História Política nesse novo ambiente, está o diálogo entre História e jornalismo, que é visto com frequência nas pesquisas de cunho cultural e através dessa abordagem faz também grandes contribuições para o estudo histórico do político. Segundo Regina Tania de Luca (2005), jornais e revistas eram

² Terceira geração do movimento historiográfico francês *Les Annales* que se desenvolveu a partir da década de 1970, entre os historiadores de destaque estão Jacques Le Goff, Pierre Nora e Michel de Certeau.

³ Segundo Sandra Pesavento em *História e História Cultural*, “imaginário, representação, a produção e a recepção do discurso historiográfico reformularam a compreensão do político.” (2012, p. 75)

em sua maioria desconsiderados por seu caráter imparcial e falta de objetividade, sendo utilizada como fonte apenas de informações sistemáticas como demografia ou de natureza econômica (Luca, 2005, p. 117). A partir das mudanças no campo historiográfico e as ligações entre a História Cultural e a História Política, a imprensa passou a ser fonte buscada de forma recorrente para a pesquisa em diferentes aspectos, seja pelo que é publicado ou censurado. Ainda assim, é mais comum encontrar recortes de periódicos com a intenção de legitimar informações obtidas por outras fontes, destacando manchetes, imagens ou matérias apenas como comprovação de um argumento, mas é necessário levar em conta outros aspectos do jornal além da informação que apresenta e questionar os interesses estão vinculados aos donos, redatores e editores do jornal, como foi produzido e quem produziu, quando e em que condições, como se caracteriza sua estética e organização, como é distribuído e para quem.

Esse trabalho tem como objetivo explorar as representações dos Estados Unidos na imprensa brasileira durante os anos de 1945-1964 através do jornal carioca *O Globo*, levando em consideração as interações anteriores entre os países, contexto político-cultural do Brasil e o papel da imprensa na sociedade brasileira, com palavras-chave e auxílio da ferramenta de busca avançada para recortar o período de interesse, além da ferramenta de filtragem oferecida pelo próprio acervo digital, que o classifica entre relevância e cronologia. Foram selecionadas e analisadas mais de 200 edições, nos quais é possível observar a imagem não só dos Estados Unidos mas também de figuras públicas influentes como os presidentes de diferentes mandatos durante o período, a visão e o discurso contra a ameaça comunista e o apoio aos investimentos estadunidenses na economia e industrialização brasileira. Buscamos também analisar através das matérias o apoio às relações entre os dois países, e a propaganda política. Após recortada, a fonte foi tratada para separar as partes do jornal e analisar imagens, título e corpo do texto, diagramação, e estética no geral, se atentando aos detalhes que chamam atenção ou mascaram as informações. A pesquisa foi dividida entre revisão da bibliografia sobre o tema, seleção dos excertos dos jornais e análise de seu conteúdo.

O Trabalho foi dividido em três partes, sendo a primeira um apanhado geral das relações entre os dois países no âmbito político e cultural, tratando das relações entre estes e da agência de propaganda e suas estratégias; a segunda parte pretende contextualizar o histórico e as mudanças que aconteciam na imprensa brasileira durante o período, principalmente no Rio de Janeiro, discorrendo sobre os antecedentes do jornal que foi trabalhado como fonte e suas particularidades; e a terceira parte se dedica à análise da fonte

em si, levando em consideração os conceitos discutidos anteriormente para entender como se deu essa representação e seus resultados.

2 POLÍTICA E CULTURA: UMA BREVE RECAPITULAÇÃO DO SÉCULO XX.

2.1 Política: Relações e intervenções

Datando de séculos antes do recorte temporal desta pesquisa, as relações entre Brasil e Estados Unidos são definidas pela internacionalista Mônica Hirst (2005) como períodos oscilando entre “aproximação” e “diálogo amistoso”, e “indiferença sutil” e “afastamento”. Até a metade do século XIX, a ligação entre os países era praticamente irrelevante. O centro político, econômico e cultural do novo mundo que se formava com a modernização ainda era a Europa, e as relações dos países americanos giravam ainda em torno dos europeus. No final da década de 1880 os Estados Unidos reconheceram a proclamação da República Brasileira, servindo como fonte de inspiração para os movimentos republicanos antes e depois da abolição da escravatura. Apesar do contato amigável as relações entre os países, até então, eram puramente comerciais, através da exportação de café para os Estados Unidos, um dos principais consumidores do produto brasileiro. No início da Primeira República as relações continuam rasas e sem acordos oficiais, mantendo diplomacia e laços econômicos, que embora não oficializados até 1891, quando foi assinado um tratado comercial para fortalecer a parceria entre os países, era respeitado. Os Estados Unidos ainda era um país considerado emergente quando comparado com as potências europeias que ainda não haviam passado pela devastação das Grandes Guerras e portanto se mantinham no pódio de influência global e alimentavam a dependência econômica dos países recém independentes, antigas colônias.

Ao final do século XIX, o Brasil foi aos poucos se livrando das amarras europeias e se aproximando de seus vizinhos americanos. Embaixadas foram abertas nas respectivas capitais e os tratados comerciais continuaram firmes. No início do século XX, o Brasil chegou a exportar 38% de seu café para os Estados Unidos, que nesse momento se destacavam como um dos principais consumidores. Após a Primeira Guerra Mundial as exportações de café brasileiro subiram exponencialmente, juntamente com o investimento dos EUA no país. A disputa pela hegemonia global já estava começando, e os países europeus que disputavam pelo controle com os Estados Unidos não possuíam suficiente poder econômico e influência externa, precisando focar na reconstrução após o que até então era considerada a Grande Guerra. Dentro do cenário brasileiro, auxiliados também pelos avanços nas tecnologias de transporte e mineração do país, o aumento da ocupação estadunidense está diretamente relacionada com a diminuição da força inglesa na economia (Hirst, 2005, p. 3). Alguns anos depois, era o principal parceiro econômico do Brasil.

A década de 1930 alterou novamente a estrutura da economia mundial, passando por uma crise em efeito dominó, quando em 1929 houve o colapso da hegemonia estadunidense, sofrendo as consequências de uma década de liberalismo que impactou todos os outros países dependentes de sua economia, o Brasil entre eles. Os Estados Unidos eram naquele momento o principal consumidor do café que era produzido e exportado em grande escala, e quando o número de importações caiu, o produto brasileiro ficou preso dentro do país, forçando uma queda de preços e uma possível desvalorização. Isto é, se o governo de Vargas não solucionasse o problema comprando e queimando toneladas de café para garantir a falta dentro do mercado nacional, a manutenção e até aumento dos preços. A crise do café brasileiro impulsionou o investimento na industrialização do país, em busca de uma diversificação econômica e diminuição da dependência do agronegócio.

A partir da década de 1930, buscando recuperar a economia do país e avançar sua influência na América Latina, foi consolidado pelo presidente Roosevelt a tão famosa Política da Boa Vizinhança⁴, abordagem diplomática que entre muitas características, buscava estender suas relações com os outros países americanos sem a violência e autoritarismo de governos anteriores, buscando no lugar de uma interferência direta, a cooperação entre as nações. De forma sutil, “os EUA pretendiam mudar a imagem de potência intervencionista nos países latino-americanos” (Tota, 2005, p. 113).

Os EUA buscavam, com sua aproximação cautelosa, interferir na influência crescente da Alemanha no continente. Esperava de seus vizinhos uma lealdade política e econômica que no momento não era garantia. No Brasil, o presidente Vargas era favorável à inserção alemã na economia e política brasileira, abrindo as portas para a Alemanha de Hitler enquanto os EUA pressionavam para recuperar e manter sua influência dentro do país. O Brasil estava sendo disputado por duas potências, e tentou tirar o máximo de proveito da situação, dividindo as exportações brasileiras entre os dois países, já que o que não era vendido aos Estados Unidos era vendido à Alemanha.⁵ Ainda assim, os EUA estavam insatisfeitos com os acordos, e Vargas sofria pressão interna e externa, cada uma buscando um resultado diferente. Segundo Moniz Bandeira, “O Governo de Vargas estava sob fogos que partiam de todas as

⁴ “[...] a Política da Boa Vizinhança surgiu em um contexto internacional que requeria dos Estados Unidos instaurar uma nova postura com relação à América Latina. Diante dos longos anos de hostilidades fomentadas pelos intervencionismos do Big Stick, foi preciso, para garantir uma hegemonia na região, tratar a vizinhança de um modo distinto” (Locastre, 2020, p. 64)

⁵ Moniz Bandeira traz em seu livro “Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história”, que a Alemanha comprava do Brasil arroz, carne, couro e possivelmente viria a comprar algodão, produtos que não eram exportados aos Estados Unidos. Fechar as portas a outros países e tratar exclusivamente com os estadunidenses prejudicaria a exportação do Brasil, já que tratava também com outros países europeus como Itália e Suécia. Nos anos anteriores à Segunda Guerra, a Alemanha chegou a ser a maior importadora de produtos brasileiros, passando os Estados Unidos e a Inglaterra. (Bandeira, 1973, p. 242-249).

direções. Os plantadores de café e de algodão lutavam pela concretização do acordo. Atribuía-se a atitude dos Estados Unidos ao seu desejo de dificultar a venda do algodão brasileiro, para que eles pudessem colocar o seu próprio produto na Alemanha” (Bandeira, 1973, p. 260).

Na década de 1930 a economia brasileira estava totalmente desordenada. Os acordos econômicos feitos com os Estados Unidos beneficiavam a ninguém além deles mesmos, e o Brasil pagava ainda dívidas externas anteriores e não haviam se recuperado totalmente da crise causada pela queda da bolsa em 1929 e a conseqüente crise do café. Buscava-se uma modernização do país e a aceleração do processo de industrialização, enquanto a diplomacia brasileira trabalhava a todo vapor para conseguir um acordo que elevasse o patamar do Brasil, cuja industrialização estava atrasada 200 anos quando comparada com os pioneiros europeus.

Inicialmente o Brasil declarou neutralidade na Segunda Guerra, buscando manter as ligações, mesmo fracas, com a Alemanha, e um dos benefícios que buscava com essa posição neutra entre as potências era o investimento na industrialização brasileira. Quando os Estados Unidos entraram na guerra em 1942, exigiram o alinhamento de seus parceiros dentro da América Latina, e o Brasil se juntou em agosto de 1942, enviando tropas para a Itália e cortando relações com a Alemanha. Vargas troca as relações com a Alemanha pela parceria econômica e militar com os Estados Unidos, visando o desenvolvimento da indústria e a modernização brasileira. Indústrias estadunidenses foram instaladas no Brasil, o número de exportações voltou a aumentar e houve um incentivo também de trocas culturais. Além disso, acordos secretos de apoio militar foram assinados, garantindo aos EUA a instalação de bases navais na costa do nordeste brasileiro, facilitando o acesso ao Atlântico.

Mas ao contrário do que se esperava, as recompensas não vieram. Segundo Luiz Souto Maior,

esta não era [...] a percepção de Washington, que nunca atribuiu qualquer prioridade ao desenvolvimento econômico dos países periféricos, da América ou de outros continentes. Na época, o importante para os Estados Unidos era a reconstrução física e no caso das ex-potências do Eixo, também a reestruturação política dos países devastados pelo conflito, vistos como aliados necessários na Guerra Fria. Dentro deste enfoque, a América Latina não fazia jus a mais do que uma ajuda econômica modesta e a uma cooperação militar suficiente para alimentar a continuada simpatia das respectivas forças armadas pela luta contra o comunismo. Em suma, para Washington, tratava-se, como no passado, de assegurar que nada ameaçasse a preeminência americana na região, enquanto para o Brasil, o problema do desenvolvimento econômico passava a ocupar o primeiro plano (Souto Maior, 2001).

Além dos avanços tecnológicos, militares, econômicos, políticos e ideológicos, os Estados Unidos deixaram a Segunda Guerra um novo status de potência mundial. Buscavam então a consolidação dessa hegemonia, e entre as estratégias planejadas para garantir a manutenção e seu avanço sobre os países enfraquecidos do pós-guerra, estava o aspecto cultural e midiático de sua influência, cuja discussão será retomada posteriormente.

Durante o momento de “disputa” dos anos 1930, outro fator estava movimentando a sociedade brasileira: o anticomunismo, movimento que já estava presente no país desde a Revolução Russa em 1917, com as devidas “singularidades políticas brasileiras”⁶ (Motta, 2002, p. 2), mas que absorvia também motivações estrangeiras, inicialmente europeias e posteriormente estadunidenses. Motta (2002), afirma que o imaginário anticomunista brasileiro acompanhou as referências estrangeiras de acordo com as relações exteriores do Brasil, sendo inspirada fortemente pela Europa durante as décadas de 1930 e 1940, com obras de autores anticomunistas sendo lidas no original ou traduzidas para em busca de seus argumentos. Os Estados Unidos foram aos poucos ocupando o espaço europeu, principalmente durante o pós-guerra com o alto número de propaganda e a prioridade que foi dada depois do início da Guerra Fria. A intervenção direta e com mais força dos Estados Unidos no Brasil e na América Latina em geral, em prol do fortalecimento do anticomunismo, se iniciou na década de 1950.

Apesar da decepção em relação à ajuda estrangeira com investimentos na industrialização do país, o Brasil continuou sua parceria com os Estados Unidos, fortalecendo também a presença militar estadunidense no território⁷ por anos depois do fim da segunda guerra e mantendo a política anticomunista, que nesse ponto havia se tornado intrínseca na sociedade brasileira. As relações entre Brasil e URSS nunca foram muito próximas, e o Brasil chegou a ficar 30 anos sem reconhecer a União Soviética, medida que foi tomada apenas após a Segunda Guerra Mundial, por terem lutado contra o mesmo inimigo. O comunismo não tinha força no Brasil pela alta rejeição da elite dominante, mas a “ameaça comunista” na América Latina era um perigo para os Estados Unidos, que perdeu espaço no continente depois da Revolução Cubana em 1959 e buscava reforçar seu poder. Em 1961 o presidente John F. Kennedy anunciou a Aliança para o Progresso, programa econômico que visava a

⁶ As singularidades brasileiras como por exemplo a “Intentona Comunista” de 1935 e o “Plano Cohen” de 1937, são movimentos originais do Brasil que interferiram no imaginário anticomunista contribuindo com as influências estrangeiras.

⁷ Motta aponta a diferença entre o nível das relações Brasil-Estados Unidos e Brasil-URSS lembrando da “construção de bases aéreas norte-americanas em cidades do Norte e Nordeste brasileiros em 1940-1, antes mesmo da entrada daquele país na Segunda Guerra, tendo em vista o controle de rotas aéreas e marítimas na área do Atlântico Sul.” (Motta, 2021, p. 74)

maior inserção da influência estadunidense nos países emergentes da América Latina, necessária para a manutenção da hegemonia capitalista estadunidense, após a expansão das ideais da URSS dentro do continente⁸ auxiliadas pelo ponto de apoio que seria Cuba.

Houveram tentativas de quebrar essa dominação nos últimos anos da década de 1950, nos governos de Jânio Quadros e posteriormente com João Goulart (1961-1964), que buscavam maior independência do Brasil, tomando atitudes como seu posicionamento na questão de Cuba e reforçando os ideais nacionalistas que na época dividiam a sociedade entre a elite nacionalista e os industriais que buscavam a modernidade e industrialização patrocinada pelo capital estrangeiro. No início do governo de Goulart o contato com a URSS foi novamente feito, que tentou limpar sua imagem dentro do Brasil com estratégias parecidas com a Boa Vizinhança estadunidense, com espionagem e atenção à imagem construída, mas também através de programas culturais como cinema, ensino da língua e intercâmbios.

Há muita discussão sobre o papel dos Estados Unidos na Ditadura Civil Militar brasileira, e segundo Motta,

A ascensão de Goulart à presidência em setembro de 1961 trouxe preocupação a Washington, que não apreciava o nacionalismo do novo presidente e tampouco suas conexões com a esquerda. Por isso as relações foram sempre frias e desconfiadas. O governo dos Estados Unidos não achava que Jango fosse comunista, mas temia que seu nacionalismo o levasse a uma aproximação inconveniente com o bloco socialista, o que, entre outras consequências, atrapalharia os planos de obter apoio na América Latina para sufocar o governo de Fidel Castro em Cuba (Motta, 2021, p. 79).

O golpe não se deu por causa dos Estados Unidos⁹, mas o apoio e interferência estrangeiros nos anos anteriores foi um fator importante para que a desconfiança se instaurasse. Não podemos negar que era de seu interesse que o governo brasileiro de viés esquerdista fosse tomado pelas instituições sobre as quais exercia mais influência, como o exército. Apenas a probabilidade de interferência dos EUA caso fosse necessário foi suficiente para servir de apoio aos golpistas, como a famosa Operação Brother Sam¹⁰, que não foi necessária mas estava pronta para intervir. O governo dos Estados Unidos foi aliado da Ditadura antes e durante, servindo de legitimação e estabilização do regime em seu início. O

⁸ Mas apesar desses fatores aos poucos a relação entre Brasil e URSS voltaram a ser estabelecidas durante o governo de Juscelino Kubitschek, que não via no comunismo uma ameaça ao país.

⁹ Este trabalho se baseia na visão de Patto Sá Motta quanto à posição dos Estados Unidos no golpe, mas historiadores sempre discutiram o nível do envolvimento de Washington e muitos discordam dessa opinião.

¹⁰A Operação Brother Sam foi uma intervenção dos Estados Unidos no Brasil destinada a apoiar o golpe militar que depôs o presidente João Goulart, e embora não tenha havido confrontos diretos, a operação envolveu o envio de tropas e recursos para a região.

Brasil passou anos de Ditadura com os Estados Unidos como principal aliado, através de programas sociais e manutenção de alguns órgãos democráticos do governo como forma de disfarce. Não fazia sentido que os Estados Unidos apoiassem uma Ditadura rígida e violenta, já que eram opositores tão enfáticos do que chamavam de violentas ditaduras comunistas. (Motta, 2021, p. 85)

2.2 Cultura: Agência de Propaganda

Com a ameaça crescente do nazifascismo dentro da América Latina, foi pensada uma estratégia para combater sua influência na década de 1930 durante o governo de Franklin Roosevelt, e Nelson Rockefeller foi o escolhido para chefiar o departamento que ficou responsável pelo uso da cultura como uma arma de defesa. O OCIAA¹¹ (*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*), buscava criar e fortificar no imaginário latino-americano o sonho do tão desejado *American Way of Life*.

Sobre a atuação do OCIAA, Tota diz que “a imprensa e a propaganda impressa eram meios importantes para a divulgação dos princípios do americanismo ‘fabricado’ pelo Office” (Tota, 2000, p. 54-55), e a agência trabalhava internacionalmente para mitigar a influência italiana e alemã na América Latina através da diplomacia cultural. Acrescentamos que:

Um dos maiores problemas advinha da extrema disparidade cultural, social e política que os latino-americanos viviam nos anos 1940 em relação aos Estados Unidos. Essa quase ausente identificação cultural, ao lado do pouco conhecimento sobre seus vizinhos, poderia colocar a perder os projetos com a região (Locastre, 2020, p. 54),

à medida que os governos da América Latina se tornavam progressivamente mais favoráveis às políticas europeias e a chegada de imigrantes aumentava. Embora vinculado ao Estado, a OCIAA era auxiliada economicamente e administrada pelo setor privado dos Estados Unidos, com os gastos de grandes empresas estadunidenses com propaganda internacional chegando a 20 milhões de dólares em 1945.

Após a morte de Roosevelt, os programas de informação dos EUA sofreram alterações para se adaptar à transição do novo governo e ao mundo pós Segunda Guerra. “Havia a necessidade de reajustar o foco, tanto interna quanto externamente, para a batalha ideológica anticomunista que se formara a partir de então” (Santomauro, 2015, p. 49). Harry Truman

¹¹ Originalmente OCCCRBAR (*Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*), criado em 1940.

(1945-1953) buscava aumentar as associações entre Brasil e EUA na economia e informação, principalmente através dos meios de comunicação em massa, sendo a principal forma, a imprensa, jornais e revistas de maior circulação.

Em 1953 foi criada a USIA (*United States Information Agency*)¹², no governo do presidente Dwight Eisenhower (1953-1961), no meio da Guerra Fria. Dentro de um programa político maior, com o objetivo de buscar formas de reforçar a política externa dos Estados Unidos. O programa do governo estadunidense que juntou em um programa só diversas agências de política externa e informação, tinha como base dentro dos países a *United States Information Service* (USIS)¹³, e

[...] a agência de informação e propaganda do governo norte-americano pautou suas atividades na produção e distribuição de panfletos, na publicação de revistas, na tradução e distribuição de livros, na organização de exposições e intercâmbios artísticos, intelectuais e esportivos, atuando de forma sistemática junto à nova mídia de massa, por meio da veiculação de material em jornais, rádios – com a *Voice of América* – e televisão, e no serviço de atualização, instalação e manutenção de algumas das cento e sessenta e oito bibliotecas estabelecidas pelo mundo (Cattai, 2011, p. 21).

As USIS existiam desde a Primeira Guerra Mundial, associada ao recém criado CPI (*Committee on Public Information*)¹⁴, como uma ideia ainda primitiva quando comparada ao que vieram ser durante a Política da Boa Vizinhança, mas já tratando de coordenar as informações¹⁵ disseminadas dentro e fora do país. Organizadas propositalmente com o fim de passarem imperceptíveis, as matérias de revistas e jornais variavam entre primeira página e pequenas notas, demonstrando apoio de forma direta ou insinuando através do alinhamento de opiniões ou discursos.

Mas “o alvo da política americana não se restringia ao nazismo, os ideais socialistas também poderiam ser combatidos com a propaganda no modelo americano: a angular da política cultural dos EUA em defesa do liberalismo e claramente anticomunista” (Tota, 2005, p. 112). Durante as décadas de atuação no Brasil, a USIS encontrou na grande imprensa um

¹² Agência de Informação dos Estados Unidos.

¹³ Serviço de Informações dos Estados Unidos; Em sua maioria as USIS eram baseadas dentro dos consulados americanos dentro das grandes cidades brasileiras e possuía um agente de relações públicas que chefiava uma equipe com pelo menos um agente de informação e um agente de relações culturais, responsáveis por disseminar as mensagens de acordo com a vontade de Washington, misturando sempre propaganda e entretenimento. (Santomauro, 2015, p. 20)

¹⁴ Comitê de Informação Pública foi dissolvido em 1919; instituições privadas existiam, mas uma iniciativa pública de cultura e propaganda seria criada novamente no governo Roosevelt.

¹⁵ O termo “informação” foi utilizado desde o início da primeira agência para ir contra o uso europeu do termo “propaganda”, com a ideia de diferenciar a propaganda que “distorce a verdade” da informação “legítima e confiável”. Por exemplo, segundo Tota, o uso do termo “informação”, durante a Segunda Guerra, era importante para diferenciar-se da Alemanha Nazista (Tota, 2000, p. 55).

aliado na rivalidade entre Estados Unidos e URSS na Guerra Fria e a luta anticomunista estadunidense, que precisou de pouco incentivo para se estabelecer de vez no Brasil. A propaganda anticomunista é evidente nas matérias do jornal *O Globo* durante esse período, como na coluna do jornal chamada “Fugitivos do Império do Medo”, que foi publicada durante o ano 1955, na qual se destaca a forma como se referiam a União Soviética: “O monstruoso regime que não dá valor às pessoas humanas”.

FIGURA 1 - Recorte do Jornal *O Globo* do dia 4 de Novembro de 1955.



(Acervo digital *O Globo*)

Dentro da USIS existia uma seção de imprensa, cujo chefe tinha por objetivo alinhar as matérias dos principais jornais brasileiros à opiniões favoráveis à política estadunidense, como *O Globo*, *O Estado*, *O Jornal*, e a *Folha de São Paulo*. Como estratégia, enviavam para jornais e revistas textos e reportagens sob a condição de anonimato, e possuíam aliados na indústria jornalística como Assis Chateaubriand e jornalistas dentro dos próprios jornais, responsáveis por facilitar o contato e a publicação.

A agência era também responsável por pesquisar a opinião pública e midiática, avaliando a imagem dos EUA e de seus presidentes, suas políticas e atuação dentro dos países onde estava instalada, e sobre os países vizinhos. No Brasil, procurava também a opinião dos brasileiros sobre os brasileiros, avaliando a popularidade dos governos internos e enviando relatórios.

Por exemplo, segundo Santomauro (2015, p. 146)¹⁶, informes sobre interesses brasileiros eram enviados para Washington em 1955, explicando como o Brasil passava por um período de mudanças sociais e econômicas atrasadas quando comparado aos EUA, e o

¹⁶ Fernando Santomauro é doutor em Relações Internacionais pela Unesp, e sua tese trata da ação da USIA no Brasil, onde é possível encontrar referências diretas aos relatórios aqui citados com frequência.

papel da classe média, industrial e trabalhadora nessas mudanças. O entendimento da mentalidade brasileira e dos temas de maior interesse da população (o desenvolvimento econômico interno, e não a Guerra Fria) foi feito através de pesquisas quantitativas e qualitativas durante a primeira metade da década. Sendo assim, as ordens dadas às organizações dentro do Brasil eram de enfatizar o apoio estadunidense à crescente economia brasileira. Os relatórios usavam também como referência matérias de jornais brasileiros, como cita Santomauro (2015). Entre eles, *O Globo*.

Outras características do povo brasileiro eram enviadas para a formulação de estratégias, como a necessidade de um contato mais pessoal entre figuras públicas e chefes de estado, muito utilizada na relação entre Eisenhower e Juscelino Kubitschek (1956-1960), e relatórios sobre movimentações políticas anteriores como a “Intentona Comunista”¹⁷ de 1935, sua raiz, participantes e repercussão.

Em 1961 foram enviados relatórios sobre as Ligas Camponesas no nordeste brasileiro, incluindo a figura de Francisco Julião e seu potencial revolucionário. Demonstrando preocupação, as pesquisas concluíram que se aproximava cada vez mais do comunismo. Outras análises foram feitas na mesma época, sobre Jânio Quadros, o nacionalismo brasileiro, as elites urbanas, a opinião brasileira sobre Cuba, reforma agrária, Aliança para o Progresso, e questões mais pessoais, como medos e aspirações do povo. (Santomauro, 2015, p. 160). Entre 1963 e 1964 começaram a buscar a opinião majoritariamente de estudantes, pois representavam a modernização, a opinião política atualizada e de maior ação no país. Estavam preocupados com a visão que possuíam dos EUA, na maioria das vezes nem um pouco favorável. Na época, a conclusão do pesquisador responsável pela investigação da visão dos estudantes brasileiros foi de que “[...] o brasileiro médio tinha a mentalidade marxista por natureza e que seria assim mesmo se não tivesse existido Marx” (Santomauro, 2015, p. 166).

¹⁷ Apesar de ser o termo utilizado pelos jornais da época, atualmente entrou em desuso pela historiografia.

3 IMPRENSA

3.1 A imprensa como força política

Segundo Maria Helena Capelato (1988, p. 13), “desde os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política”. O jornalismo brasileiro e mais especificamente o carioca, se estabeleceu inicialmente de forma informal e artesanal, sem compromisso com a objetividade e em sua maioria de cunho pessoal, cheio de polêmicas e opiniões. Seja relatando anedotas do dia-a-dia colonial ou defendendo um posicionamento político, lia-se com clareza dentro das páginas a opinião de quem o escrevia. Numa organização quase como panfletagem com pequenas tiragens mas poder suficiente para movimentar opiniões e influenciar na queda de governos, se desenvolveu devagar até que a necessidade de sua reformulação surgisse. A virada do século representou para o Brasil uma busca dedicada pela modernização, e esse padrão, seguindo em sua maioria o caminho europeu, chegou também no jornalismo.

A formação de empresas jornalísticas e a visão da imprensa como mercadoria mudou a forma como o jornal era produzido, pois de acordo com Maria Helena Capelato (1998), “para aumentar a venda de um produto, não apenas seu conteúdo mas também a embalagem tem que ser atraente. Na primeira página concentram-se todos os recursos persuasivos de propaganda de mercadoria”, e embora seja impossível dizer de forma inquestionável que o jornalismo na primeira metade do século XIX possuísse algo além de algumas frágeis semelhanças com o formato moderno que conhecemos hoje, as sementes foram plantadas. Segundo Sodré (1988), é a passagem da pequena para a grande imprensa, e passará a ser então parte do capitalismo, podendo ser comprada e vendida como mercadoria, a opinião, que até então dependia pessoalmente de seu autor, passa a ser daquele que paga mais.

A primeira metade do século XX, mais especificamente a partir da década de 1930, é um período de expansão da participação¹⁸ já existente e influente dos meios de comunicação impressos na política do Brasil, marcado pela contradição e complexidade, da difusão de ideologias e divulgação de reivindicações como no caso da própria revolução de 1930, à censura e controle durante o período do Estado Novo.

O regime autoritário foi apoiado e até incentivado por parte da imprensa que apontava a ameaça do comunismo como grande perigo para o país e exigia medidas de fortalecimento do Estado para proteger a sociedade de uma rebelião. Segundo Capelato (1988, p. 49), “ao

¹⁸ Segundo Maria Helena Capelato (1988), a imprensa teve já um “papel significativo na mudança do regime” e trazia o descontentamento de parte da população para com a República.

apoiar e até mesmo exigir medidas de exceção, a imprensa liberal preparou o terreno para o golpe de 1937”. A grande participação da imprensa no campo político brasileiro continuou durante a repressão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), alinhados, nem sempre de forma relutante, ao governo de Vargas. Entre os jornalistas associados ao DIP, o próprio Roberto Marinho. Esse cenário durou até 1945, que com o enfraquecimento do regime e o movimento mais organizado dos opositores, a imprensa acompanhou as mudanças e passou a apoiar abertamente outros candidatos. Em 1946, já atuava livremente.

A maioria dos jornais já era, em sua essência, instrumento político. Financiados para serem porta-vozes do regime vigente ou de grupos de oposição, de linguagem agressiva (Goulart, 2003, p. 148). Mas o final dos anos 1940 e início da década de 1950 não trouxe para a imprensa mudanças na escrita e a recuperação de sua liberdade, veio acompanhada também de mudanças na organização, estética e objetivo dos jornais. Chegava no Brasil naquele momento, por exemplo, a ideia de usar a primeira página como uma espécie de “vitrine”, expondo rapidamente os principais assuntos, o que seria mais chamativo ao leitor. As matérias ficaram mais concisas, indo direto ao ponto nas primeiras linhas em uma forma de resumo antes de expandir o conteúdo nos parágrafos seguintes, dando ao leitor a opção de entender o assunto sem precisar ler toda a página, já pensando na aceleração da sociedade moderna e necessidade de ganhar tempo no dia a dia. Verificamos que:

No referido período, é importante destacar, o jornalismo brasileiro, especialmente o carioca, passava por importantes reformulações pelo emprego de técnicas norte-americanas. A imprensa deixava de se caracterizar pela experimentação estilística, pelo comentário e pela polêmica, em favor de um jornalismo empresarial, pensado como lugar neutro, independente, em que se privilegiava a informação “objetiva” e “imparcial” na forma de notícia (Cattai, 2011, p. 20).

E, complementando, segundo Ana Paula Goulart Ribeiro,

Foi nesse período que o modelo norte-americano se implantou no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social (2000, p. 12).

Para Roger Chartier (1990, p. 17), “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”, de forma que estão sempre em conflito a fim de legitimar o poder do grupo que a produz. No âmbito jornalístico, o historiador José D’Assunção Barros (2023, p. 44) afirma que os jornais são classificados como

“[...] fontes realistas, – não porque expressam a verdade ou a pura realidade, mas porque têm a intenção de se mostrar aos leitores ou destinatários do discurso como diretamente referentes à realidade”. Ainda de acordo com Barros, mesmo que o discurso jornalístico não seja completamente verdadeiro e possua motivações particulares, políticas ou econômicas, a intenção de passar a verdade absoluta a seu leitor é uma característica relativamente nova e essencial do jornalismo moderno.

Citando Ribeiro (2000, p. 13), o discurso jornalístico na década de 1950 passou a assumir essa aura de fidelidade, através da construção de um lugar institucional que permitia a fabricação e distribuição da verdade “oficial” dos acontecimentos, garantindo também um nível de poder e influência social a partir da ideia de uma verdade objetiva e absoluta. Mas o jornal é também, pela ótica de Chartier, lugar de disputa, campos de luta que ocultam nas entrelinhas de suas matérias as verdadeiras motivações, as manipulações e distorções feitas entre o que é silenciado e o que é destacado.

A imprensa possui também um poder simbólico, definida por Pierre Bourdieu como

[...] poder de constituir o, dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (Bourdieu, 1989, p. 14),

ou seja, capaz de moldar como se vê o mundo através da construção de uma realidade e a legitimação desta através do discurso utilizado, e no caso do jornalismo, por vezes alterando sutilmente seu sentido com detalhes como a sintaxe de uma frase ou a posição de uma foto. Esses aspectos contribuem para a análise de discurso a partir das ideias de Michel Foucault (1971), que caracteriza *discurso* e *poder* como fatores inseparáveis, de forma que o discurso está sempre sob uma disputa política e deve ser estudado a partir das micro relações de poder sociais, disputa essa que entra também no campo teórico de Roger Chartier, autor que coloca a representação num campo de disputa ideológica. A partir da perspectiva de Chartier acerca de como as representações da realidade são construídas, é possível analisar como a cultura, e no âmbito dessa pesquisa, a imprensa, é apresentada ao seu leitor de forma instrumentalizada.

3.2. O jornal *O Globo* como ferramenta de propaganda

O jornal *O Globo* foi fundado por Irineu Marinho em julho de 1925 no Rio de Janeiro, experiente no ramo¹⁹, mas que teve pouco tempo à frente do jornal, falecendo pouco tempo depois da primeira edição e deixando a empresa que viria a ser um império da comunicação brasileira para seu filho, Roberto Marinho. Por ser muito novo, Roberto entregou o cargo a Eurycles de Matos, assumindo controle apenas em 1931 aos 26 anos, atuando como diretor e redator-chefe.

A partir da década de 1950 se iniciou um processo de concentração empresarial na área, iniciado na virada do século e que foi aumentando a cada passo de modernização das empresas jornalísticas. O número de jornais em circulação diminuiu quase 25% no Brasil, e no Rio de Janeiro, jornais que eram destaque desde o início da imprensa carioca fecharam as portas por má administração, questões políticas ou dificuldade de se adaptar à modernidade e às novas exigências de mercado. Na década de 1960 três jornais (*O Globo*, *O Dia* e *Jornal do Brasil*) dominavam 70% da imprensa carioca (Ribeiro, 2000).

Aqueles que sobreviveram ao processo, sobreviveram pois conseguiram entender o que era necessário para se manter no topo, se adaptaram à nova ordem econômica e à forma empresarial e moderna de fazer jornalismo, dispostos a moldar seus discursos de acordo com seus interesses, vender o produto da forma mais lucrativa possível e tratar o jornal e tudo que tem dentro dele como mercadoria. “É agora muito mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal; e é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal” (Sodré, 1966, p. 276). *O Globo* é, por exemplo, notavelmente famoso por seu apoio à Ditadura Militar durante o regime, mas antes do seu início, o jornal de Roberto Marinho já era aliado ao conservadorismo, à política e à ideologia da elite brasileira, aos seus interesses, e ao liberalismo econômico e investimento de capital estrangeiro,

O Globo se mostrou favorável também à política externa dos Estados Unidos desde o início do governo de Roosevelt, e apoiou a entrada do Brasil na Segunda Guerra junto aos Aliados, criando uma coluna exclusiva para motivar o ingresso brasileiro no combate. “Devido a sua cobertura da Guerra, *O Globo* teve, no início dos anos 40, um aumento

¹⁹ Irineu Marinho, antes de fundar *O Globo*, começou sua carreira no *Diário de Notícias* como revisor e passou por todas as funções no jornal até chegar a diretor. Trabalhou em outros grandes jornais do Rio de Janeiro até que em 1911 foi sócio-fundador do jornal *A Noite*, juntamente com outros nomes notáveis do jornalismo carioca. Segundo Sodré (1966, p. 330), o jornal já era moderno e bem diagramado, feito por profissionais. Irineu Marinho foi desligado do jornal em 1925 enquanto estava fora do Brasil, e ao voltar se dedicou a um novo projeto que viria a ser *O Globo*.

significativo da tiragem. Publicou numerosas reportagens sobre a frente europeia, dando destaque à atuação da FEB” (Ribeiro, 2000, p. 92).

Em 1950, *O Globo* já era o jornal de maior circulação no Rio de Janeiro. A partir da criação da USIA em 1953 passou a fazer parte do grupo de jornais de circulação nacional que possuíam uma linha editorial da agência dentro do Brasil. Além de favorecer sempre as figuras públicas dos Estados Unidos e apoiar as políticas e intervenções do país dentro do Brasil, *O Globo* se mostrou como carro chefe da agência no anticomunismo brasileiro.

Atualmente o jornal *O Globo* circula diariamente através de uma assinatura mensal, de forma impressa ou digital. Foi vespertino com duas edições diárias até 1962, quando passou a ser matutino de edição única. Em 12 páginas, o jornal trazia notícias nacionais, internacionais²⁰, classificados, economia, coluna social, esportes, crônicas, quadrinhos, obituário, e anúncios.

Tabela de preços do jornal *O Globo*²¹

ANO	ANUAL	SEMESTRAL	AVULSO
1945	100 G\$, ²²	60 G\$	0,40 G\$,
1949	200 G\$	120 G\$	0,80 G\$
1952	300 G\$	160 G\$	1 G\$
1956	480 G\$	250 G\$	2 G\$
1959	720 G\$	400 G\$	5 G\$
1961	2000 G\$	1200 G\$	8 G\$

²⁰ Com representantes nos EUA, Canadá e Europa; “O Globo em foco” foi uma coluna na seção internacional do jornal, que serviu de inspiração para o título deste trabalho.

²¹ Valores retirados das edições do jornal durante os anos pesquisados.

²² Cruzeiros.

4 ANÁLISE DO JORNAL

Apesar da lei nº 10.994/2004²³, que exige o depósito de publicações de interesse público como revistas e jornais na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, o jornal *O Globo* não as disponibiliza, possuindo um acervo privado com acesso mediante assinatura. Diferentemente de outros jornais de nível similar a *Folha de São Paulo*, não possui também uma ferramenta de busca mais específica em uma busca avançada, como a função de procurar “todas estas palavras”, “nenhuma destas palavras”, “exatamente esta frase” ou “qualquer uma destas palavras”, se limitando à busca por palavra ou por data, dividido entre período (década), ano, mês e dia, e uma ferramenta para ordenar a organização dos jornais pesquisados por relevância ou por data.

FIGURA 2 - Print da página de pesquisa do acervo digital do jornal *O Globo*



(Acervo *O Globo*, acesso em 18 de novembro de 2024)

Foram pesquisadas em aproximadamente 250 edições do jornal entre 1945 e 1964, buscando a cada mês de cada ano por termos gerais como “estados unidos”; “eua”; “comunismo”; “soviético”; “americanos”; termos mais específicos, como os nomes dos presidentes entre 1945 e 1964: “Roosevelt”; “Truman”; “Eisenhower”; “Kennedy”;

²³ Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Dispõe sobre o depósito legal de publicações, na Biblioteca Nacional, e dá outras providências. Brasília, 14 de dezembro de 2004.

“Johnson”; e mais ainda, buscando por eventos, políticas, e datas, como “doutrina truman”, “plano marshall”, “plano eisenhower” e “aliança para o progresso”.

Dividimos o recorte temporal entre 1) “O pós-guerra”, que apesar do nome se inicia com a morte de Roosevelt e cobre o período de tempo até 1953, quando começam as operações da USIA no Brasil; 2) Entre 1953 a 1960 ficou a divisão chamada “A Guerra Fria em seu auge” dando foco a propaganda anticomunista já comentada anteriormente, e as estratégias de propaganda do governo Eisenhower; E, por fim, chamamos de 3) “Antecedentes ao Golpe Militar”, o período entre 1961 e primeiro de abril de 1964, cujo foco fica com a ameaça cubana, iniciativa da Aliança para o Progresso e o governo Goulart.

Deve-se ressaltar que não foi intenção da pesquisa analisar página por página de todas as edições, tarefa que com certeza se mostraria impossível para um trabalho a nível de graduação e com o tempo que lhe foi permitido, mas buscar por palavras-chave de acordo com o contexto histórico do momento em que as matérias foram publicadas para, mais facilmente, encontrar os temas de interesse. Minúcias das entrelinhas foram definitivamente perdidas nessa tarefa.

4.1. O pós guerra (1945-1953)

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, embora pequena quando comparada aos outros países aliados, foi coberta pelo jornal em sua totalidade. Mas no ano de 1945, as notícias da guerra foram por um momento eclipsadas pelo presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt, cuja morte repercutiu fortemente na imprensa brasileira. Franklin Delano Roosevelt faleceu no dia 12 de Abril de 1945, cinco meses antes do encerramento oficial da Segunda Guerra, depois de ser eleito para quatro mandatos na presidência, liderando os Estados Unidos de 1933 a 1945, e protagonizando grandes eventos do século XX.

O jornal *O Globo* noticiou a morte do presidente na primeira página do dia 13 de Abril, com manchete “Perde a humanidade o seu maior guia.” Em 1945 a estética da primeira página dos jornais ainda não havia passado pela reformulação da década seguinte, mas foi inteira preenchida por aspas de Vargas e Churchill e informações completas sobre funeral, a posse de Harry Truman e as homenagens dos brasileiros ao presidente, além de uma fotografia no centro da página.

FIGURA 3 - Primeira página do jornal *O Globo* dia 13 de Abril de 1945(Acervo *O Globo*)

A edição do dia foi dedicada a Roosevelt, destacando seus feitos, a amizade com o Brasil, e lamentando a morte do “símbolo da luta pela liberdade”²⁴. Enquadrado entre uma biografia do presidente com fotos, declarações de líderes mundiais e um necrológio feito por Oswaldo Aranha, estão as notícias sobre o Brasil e a guerra, dividindo espaço com alguns anúncios e manchetes exaltando o caráter do presidente e seu papel na política global: “tornou-se imortal na defesa da causa do fraco e do pobre”.²⁵ A edição do dia 14 de Abril segue o mesmo modelo, com frases manchetes como “O Brasil ainda sob a emoção da morte de Roosevelt”²⁶, anúncios de cerimônias fúnebres nas embaixadas, e matérias reforçando a relação de amizade entre o presidente e o Brasil, e o carinho do povo brasileiro.

A opinião pública do Brasil ainda está sob a emoção do irreparável que foi a morte do grande campeão das democracias. Partem de todos os círculos da vida brasileira, comovidas demonstrações de sincero pesar. E que todos viam no eminente presidente desaparecido um amigo devotado do Brasil, nosso maior amigo, como

²⁴ Edição de 13 de Abril de 1945.

²⁵ Idem.

²⁶ Edição de 14 de Abril de 1945.

ainda ontem, ele era proclamado pelas vozes que traduziram os sentimentos de todos os setores nacionais, através d'O GLOBO. (Acervo *O Globo*, 14 de abril de 1945)²⁷

O jornal cobriu plenamente os ritos fúnebres do presidente e continuou durante boa parte do mês, intercalando entre notícias da guerra, homenagens a Roosevelt e a transição para o governo Truman.

Durante o resto do ano as manchetes sobre o fim da Segunda Guerra, os tratados e a situação europeia compartilharam as primeiras páginas do jornal com as novas medidas tomadas pelo governo Truman, mantendo o discurso de apoio e amizade do Brasil com os Estados Unidos e a figura de seu presidente como um homem sábio e responsável pela paz mundial. Em 8 de outubro de 1945, os dois cadernos do jornal *O Globo* noticiaram uma possível nova conferência entre as três potências do pós-guerra, que não chegavam a um acordo.

A manchete sobre Truman diz: “Mais difícil a paz do que a vitória”²⁸, e ressalta a responsabilidade de manter a paz depois da Guerra, que seria de Truman. Em um trecho traduzido e transcrito do discurso de Truman no Missouri, *O Globo* traz a fala do presidente estadunidense, dizendo que a missão de paz foi dada a “esta grande nação”²⁹ (se referindo aos EUA) por Deus. E que todos os acontecimentos (rendição dos alemães, fim da guerra, criação e utilização da bomba atômica e colapso do Japão) apenas acentuam a imensa responsabilidade do presidente dos Estados Unidos. O trecho do discurso de Truman se encerra pedindo cooperação de outros países através do mandamento de Cristo “amai ao próximo como a vós mesmos”, e citando Inglaterra, França, China, Rússia, Tchecoslováquia, Polônia, e claro, Brasil.³⁰

FIGURA 4 - Manchete no Jornal *O Globo* do dia 8 de outubro de 1945.



(Acervo *O Globo*)

²⁷ Idem.

²⁸ Edição de 8 de outubro de 1945.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

O jornal apoiava, através da escolha das palavras e da transcrição do discurso do presidente, que Truman é agora responsável pela paz mundial, carregando nos ombros uma responsabilidade que era de seu antecessor, visto como o provedor da democracia e da liberdade. Muito se encontra nas páginas do jornal durante os meses depois da morte de Roosevelt, aspas de Truman e textos traduzidos diretamente de jornais estadunidenses apoiando o novo presidente, cuja imagem no Brasil é mantida pela mídia como sucessor ideal para garantir a amizade entre os dois países, unidos contra ameaças estrangeiras à liberdade americana.

Na matéria do *New York Times*, condensada e traduzida, chamada “América e Rússia, duas forças magnéticas antagônicas”, do mesmo dia, *O Globo* relembra as diferenças entre as duas potências e os motivos plausíveis para rivalidade: A intervenção dos EUA na guerra civil russa, e a ideia que se forjou na mentalidade dos soviéticos de que os americanos e os governos capitalistas do ocidente tinham como objetivo “forjar um esmagador elo em torno da Rússia”, e como os americanos tinham da URSS a mesma ideia: de que seu objetivo era destruir também o seu governo. Mas, característica dos soviéticos que talvez chamasse mais atenção aos brasileiros é seu posicionamento quanto à religião, compartilhada com os estadunidenses:³¹ “Os russos oficialmente repudiam e temem a Igreja Católica Romana. Naturalmente, seus ataques à Igreja afetam os católicos americanos”³².

Em agosto de 1946, na edição do dia 26, o jornal noticiou a intenção estadunidense de intervir na política da América Latina a fim de combater a “Ideologia Vermelha”³³,

[...] Instam para que os Estados Unidos patrocinem um programa de auxílio às nações latino-americanas, a fim de remover as causas de intranquilidade e conseguir estabilidade política e econômica nas áreas em que muitas queixas comunistas são consideradas pelo menos parcialmente justificadas. Para os diplomatas, o problema se resolve ao barrar a tentativa dos comunistas de quebrar a unidade das Américas e desacreditar a democracia numa parte do mundo que é considerada, militarmente, como o flanco meridional da defesa dos Estados Unidos. (*O Globo*, 26 de agosto de 1946).

A mesma matéria chama atenção para o número crescente de comunistas na América Latina e como crescem também os ataques aos Estados Unidos, citando Carlos Prestes e uma declaração que por ele foi dada, anunciando que em caso de guerra entre URSS E EUA, os comunistas brasileiros tomariam o lado da URSS. Já em 1946 é possível observar os planos que seriam colocados em prática nas décadas seguintes através de declarações. Abaixo da

³¹ Segundo o IBGE, em 1940, 95% da população brasileira era católica apostólica romana.

³² Idem.

³³ Edição do dia 26 de agosto de 1946.

matéria sobre o perigo do crescimento do número de comunistas na América Latina está o texto de um jornalista estadunidense, datado do dia anterior, que diz que um dos objetivos dos Estados Unidos para a América Latina é conquistar a boa vontade do povo, e não apenas o apoio do governo, através de “assistência econômica aos países latino-americanos, auxiliando-os na sua industrialização, cooperando militarmente com eles, e realizando um eficiente intercâmbio de professores, artistas, jornalistas e outros grupos, entre os Estados Unidos e a América Latina.”³⁴

A linguagem utilizada pelo jornalista, cujo texto foi publicado originalmente no *Associated Press*³⁵, trata a política de interferência dos EUA na América Latina como auxílio, que beneficiará a indústria em crescimento do continente e defenderá a democracia, colocando-a como defesa militar ao sul dos Estados Unidos, de forma desigual para com o país. Não como parceiro ou aliado ou ao menos vizinho.

O medo de uma Terceira Guerra Mundial após a explosão das bombas atômicas e o clima de rivalidade entre os Estados Unidos e a Rússia foi bem explorado pelo jornal, construindo um sentimento de apreensão com manchetes como “[...] presidente da câmara de comércio do EE. UU.³⁶, declara que as ambições soviéticas devem ser efetiva e rapidamente para que se evite nova guerra.”³⁷

Em momento nenhum o jornal comenta o lado contrário a URSS e as ambições dos EUA, tratando os ataques soviéticos como gratuitos, por motivos totalmente egoístas. Por estar traduzindo textos de jornalistas estadunidenses para jornais estadunidenses, é fácil deduzir para que lado a balança d’*O Globo* pendia quanto ao assunto.

Em 1947 o presidente dos Estados Unidos veio ao Brasil, e a primeira capa da edição extra d’*O Globo* trouxe uma foto da chegada de Truman, com muita aclamação dos brasileiros. A inclusão de fotografias, principalmente antes da modernização, era propositalmente utilizada para destacar a importância da matéria e a quem estava se referindo o texto. Além da manchete que o acompanha, através do conteúdo da foto também é possível observar a intenção do editor. Esse artifício é utilizado ainda hoje em dia, mas às vezes ignorado pela possibilidade de fotografar tudo e todos, quase infinita, que temos hoje em dia.

³⁴ Idem.

³⁵ Agência estadunidense de notícias independente, fundada em 1846 em Nova York.

³⁶ Estados Unidos.

³⁷ Edição do dia 14 de novembro de 1946.

FIGURA 5 - Primeira página do jornal *O Globo* dia 1 de setembro de 1947.



(Acervo *O Globo*)

Acalmando os medos comentados anteriormente, o diplomata Oswaldo Aranha declarou que não havia possibilidade de uma nova Guerra, e junto com uma foto da recepção do “eminente” presidente Truman no Rio de Janeiro ocupando boa parte da página, associando-se a todas as manchetes ao redor. No título, a ressalva da ligação entre os dois países, chamando os EUA de “nação irmã”; no texto, a seguinte frase: “[...] a visita do sucessor de Roosevelt renova o sentimento de hegemonia moral dos Estados Unidos sobre todas as nações livres desta parte do mundo.”³⁸

O restante da matéria sobre a chegada de Truman ao Brasil continua a falar da amizade entre as nações, reforçando a soberania estadunidense e a recepção calorosa que o presidente recebeu ao pisar em solo brasileiro. São atribuídos aos EUA e a seu presidente os ideais de liberdade e democracia, lembrando constantemente que era o sucessor de Roosevelt, figura tão amada pelos brasileiros.

³⁸ Edição de primeiro de setembro de 1947.

Meses antes, em 12 março de 1947³⁹, Harry Truman deu o famoso discurso diante do Congresso Nacional dos Estados Unidos anunciando a Doutrina Truman, chamado pelo jornal de “Ousado desafio à União Soviética”.⁴⁰ Entre os trechos do discurso escolhidos para comentário na matéria está

Declarando-se certo [Truman] de que o Congresso fará face às responsabilidades e afirmando que se os Estados Unidos perderam a posição de primeiro plano que ocupam no mundo, ficará em perigo a própria paz do Mundo assim como o bem estar da Nação [...] (*O Globo*, 13 de março de 1947).

Desde então o jornal *O Globo* foi firme em sua postura de que a hegemonia dos Estados Unidos deveria ser mantida para garantir a paz mundial. A Doutrina Truman, como viria a ser conhecida a política externa inaugurada pelo presidente em 1947, buscava através do auxílio econômico e interferência política em países considerados mais frágeis, suscetíveis ao avanço comunista, manter seu poder. No dia 14 de março, o jornal traz uma declaração de Oswaldo Aranha sobre o posicionamento de Truman: “Se tal mensagem tivesse sido lida em Washington há dez anos, a Segunda Guerra não teria explodido.”⁴¹

A ideia de que Truman e os EUA estavam agindo como mantenedores da paz ajuda a legitimar suas ações dentro de outros países e com outros países, pois tudo é feito em nome da paz. Colocar os Estados Unidos em uma posição de moralidade acima dos demais países o garante a liberdade de agir como achar melhor, pois entende mais de guerra e de paz do que seus vizinhos. O discurso jornalístico de “nações irmãs” e “hegemonia moral” abre brechas para aceitar também, no Brasil, essa intervenção, quase como o irmão mais velho, mais sábio e mais bem ajustado entre os países americanos, a quem deve-se respeito e de quem é a palavra final.

A primeira página do dia 27 de maio de 1948 estampa a frase “Trai a Rússia mais um compromisso”, em letras grandes, caixa alta. Abaixo, no canto da folha, outra manchete: “O Brasil tem que escolher entre a Rússia e os EE. UU.”.

³⁹ Uma semana antes, no dia 5 de março, Churchill cunhou a emblemática frase “uma cortina de ferro cai sobre o continente.”, um dos principais símbolos da divisão política e ideológica resultante da Guerra Fria.

⁴⁰ Edição do dia 13 de março de 1947.

⁴¹ Edição do dia 14 de março de 1947.

FIGURA 6 - Primeira página do jornal *O Globo* do dia 27 de maio de 1948.

(Acervo *O Globo*)

Ler uma manchete seguida da outra indicação ao leitor qual posição deve ser tomada. A nação que é amiga fiel do país, ou a que não mantém nenhum acordo? Excluindo a ameaça comunista e os incentivos econômicos dos EUA, ter que fazer uma escolha entre um amigo e um conhecido não confiável, não é uma escolha difícil. A amizade do Brasil com os Estados Unidos no final da década de 1940, contava com o apoio financeiro que visava a industrialização, recompensa de sua aliança na guerra, para se manter firme. Para o Brasil, o avanço de sua economia era prioridade, o que não era o caso dos EUA, que se empenharam pouco pela economia latino-americana.

A partir de 1930 o nacionalismo econômico começou a crescer no Brasil e durante o governo Getúlio Vargas (1930-1945) tomou forma através das políticas de industrialização e importação, buscando diminuir a dependência externa do país e desenvolvê-lo internamente. Indo contra essa corrente estava parcela conservadora, que apostava no investimento externo para o desenvolvimento da economia, e seguindo sempre essa linha política e econômica brasileira, em 1949 *O Globo* traduziu uma matéria estadunidense da revista *United Nations*

Em 1949 a filial brasileira da empresa estadunidense *Standard Oil*, utilizou as páginas d’*O Globo* para chamar atenção à sua propaganda da livre iniciativa, negando que desejava controlar o petróleo brasileiro, pois “tem havido muita má compreensão sobre esse ponto.”⁴³ Nos arquivos do ano de 1949 é possível encontrar várias páginas de edições do jornal dedicadas exclusivamente a propaganda da empresa, no meio das outras páginas, com pedaços em branco, tabelas, fotos e gráficos, intencionalmente diferentes do resto, para chamar mais atenção ao destacar-se no mar de palavrinhos aglomeradas, como era a edição de costume.

FIGURA 9 - Página do jornal *O Globo* do dia 19 de julho de 1949.

The image shows a page from the newspaper *O Globo* with a large advertisement for Esso. The ad is titled "Petroleo PRODUÇÃO e REFINAÇÃO Colocando os pontos nos ii". It features several columns of text, including a signature at the bottom right and the Esso logo at the bottom center. The text discusses the production and refining of oil, emphasizing the company's commitment to quality and service. The ad is framed by a decorative border and includes the Esso logo at the top corners.

(Acervo *O Globo*)

A economia do Brasil e o apoio parceria comercial entre os dois países era pauta recorrente das páginas d’*O Globo*, através não só das propagandas de produtos exportados e indústrias estrangeiras, mas a cobertura da imagem do Brasil dentro dos EUA, encontrando sempre uma forma de salientar que a amizade e a boa vontade era uma via de mão dupla. Em 1951, após a posse de Vargas, a seguinte matéria foi publicada na quinta página d’*O Globo* 29 de janeiro: “Satisfação nos Estados Unidos ante a posse do presidente Getúlio Vargas”,⁴⁴ com

⁴³ Propaganda da *Standard Oil Company of Brazil* no jornal *O Globo* do dia 15 de agosto de 1949.

⁴⁴ Edição de 29 de janeiro de 1951.

o subtítulo “A tradicional amizade e as relações econômicas entre os dois países serão fortalecidas”.⁴⁵ O texto, novamente traduzido de uma matéria dos EUA sobre a aceitação de Vargas como aliado pelos estadunidenses, coloca o Brasil numa posição de dependência econômica para seu crescimento, mas também fornecedor de produtos, e simpatizante da política e filosofia, aliado cujo apoio é sempre garantido. Além da aliança política implícita ao se referirem ao Brasil, o texto traz também os novos objetivos econômicos da renovação dessa aliança.

Vargas é respeitado aqui pela sua sagacidade política e recorda-se a sua eficaz cooperação com os Estados Unidos durante a última guerra. Sabe-se que na atual crise mundial o Brasil partilha da filosofia democrática, que prevalece aqui, e que em toda prova histórica seus interesses foram paralelos. [...] Os funcionários dizem que os principais objetivos econômicos nas relações dos Estados Unidos com o novo Governo do Brasil consistirão nos seguintes: 1º – Esforço contínuo para manter uma exportação razoável de produtos necessários ao Brasil durante o período em que os planos de defesa possam provocar a escassez de muitos deles; 2º) – Procurar obter grandes quantidades de produtos brasileiros essenciais aos planos de defesa, e 3º) – Estimular o desenvolvimento econômico do Brasil, tanto com inversões como com ajuda técnica. (Edição do jornal *O Globo* de 29 de janeiro de 1951).

Segundo Barros (2023, p. 132), “é preciso considerar a posição da matéria jornalística em uma série que transcende aquele exemplar na qual ela se dá a ler – examinando-se o modo de exploração do mesmo assunto nas sucessivas edições do jornal [...]”, e por anos seguidos, a posição d’*O Globo* acerca da política econômica do Brasil foi a mesma: apoio ao investimento externo através de propagandas, matérias escritas pelos próprios jornalistas ou traduzidas de veículos internacionais, sempre enfatizando a relação mútua de amizade entre os países e seus governantes. “Durante o segundo governo Vargas, o jornal desencadeou uma violenta campanha contra a Petrobrás, cuja criação foi aprovada pelo congresso em 1953. Foi contra o decreto presidencial que limitava a 10% a remessa de lucros pelas empresas estrangeiras [...]” (Ribeiro, 2000, p. 94).

Um pouco antes da criação da Petrobrás, em 1952, foi a vez dos resultados das eleições estadunidenses, com cobertura do jornal *O Globo* direto do país, através de um representante que foi o primeiro estrangeiro a entrevistar Eisenhower depois de sua vitória. “Eisenhower dedica ao Brasil calorosa amizade”, dizia uma das manchetes sobre o novo presidente na sexta página da edição do dia 5 de novembro. Na capa, uma radiofoto⁴⁶ exclusiva do jornal. A matéria dividiu espaço na página com outras manchetes como “Venceu a democracia”, “Eisenhower fala a ‘*O Globo*’”, “Apelo de Eisenhower aos homens de boa vontade”. Em meio às declarações de amizade e parceria, manutenção da aliança econômica e

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Radiografias transmitidas por rádio, imagem obtida através de um processo de transmissão de informações radiográficas via rádio. Muito utilizado durante a Segunda Guerra e nos anos posteriores.

política entre os dois países, Eisenhower garante que aproximará a América do Norte da América Latina, e o texto faz uma retrospectiva do bom relacionamento entre os dois países desde o mandato do presidente Harding na década de 1920.

FIGURA 10 - Radiofoto de Eisenhower, exclusiva do jornal *O Globo*, presente na capa da edição de 5 de novembro de 1952.



(Acervo *O Globo*)

4.2 GUERRA FRIA (1953-1960)

O mundo estava vivendo o auge da Guerra Fria, e o Brasil, no eixo de influência dos Estados Unidos, era visto como “ponto chave da América Latina”⁴⁷, e novas estratégias precisaram ser criadas para manter o controle.

Um caderno chamado “*O Globo Feminino*” na década de 1950 se dedicava exclusivamente às mulheres brasileiras, com dicas de moda e presentes, como cuidar de casa e da família, voltada também para o humor feminino da época. Na coluna “As mulheres e os grandes homens” de 23 de dezembro de 1954, em meio às propagandas de presentes de natal, dicas para a ceia e conselhos para agradar seu marido, está uma entrevista com a primeira dama dos Estados Unidos, Mamie Eisenhower.

⁴⁷ Santomauro, 2015, p. 143

IMAGEM 11 - Recorte do título da matéria na coluna “As mulheres e os grandes homens” de 23 de dezembro de 1954



(Acervo *O Globo*)

De uma maneira típica da época, coloca Mamie como exemplo de mulher e esposa, sempre ao lado de seu marido, que também é muito bem elogiado na matéria, colocado como exemplo de pai de família e “marido ideal”. O entrevistador da matéria pergunta à Primeira-Dama, “É agradável ser casada com o presidente dos Estados Unidos?”, que por sua vez responde: “Não é agradável ser casada com um presidente, mas é magnífico ser a mulher de Ike Eisenhower. Não liga a coisas mesquinhas, tem um grande coração, é muito compreensivo, e, em toda a acepção da palavra, um perfeito cavalheiro.”

A entrevista trata de assuntos corriqueiros de qualquer casal, como o início do relacionamento, a administração de dinheiro na família, filhos e netos e animais de estimação na casa branca (ou a falta deles). Trazer para mais perto da realidade a figura distante que é o “presidente da América”, tratando-o como um homem com sentimentos, problemas e aspectos de uma rotina e de sua família em comum com homens e mulheres, cria entre o leitor e a figura uma relação mais próxima, trazendo para o pessoal e facilitando a identificação.

Mas trabalhar com a imagem de figuras públicas e moldar a visão popular sobre pessoas e eventos nem sempre deu certo, como no caso de Vargas, que apesar de depreciada pelo jornal, se manteve majoritariamente favorável no olhar do povo. A imagem de Vargas como presidente do Brasil não era interessante aos Estados Unidos pelo seu viés nacionalista, e *O Globo*, como veículo de informação alinhado a essa ideologia, também compartilhava do desgosto pela política do presidente. Em 1954 após o suicídio de Vargas, *O Globo* sofreu represalhas pela participação no desgaste de sua imagem através das profundas críticas à política e economia. A sede do jornal no Rio de Janeiro foi depredada e os pontos de venda nas ruas destruídos pela população revoltada e comovida por sua morte. Essas respostas violentas chegaram também nas sedes da USIS brasileira, e na opinião pública brasileira sobre os EUA. Para os responsáveis pela agência de informação no Brasil relacionaram essa rejeição à manipulação do conteúdo da carta-testamento de Vargas, que apontava os problemas econômicos brasileiros relacionados ao capital estrangeiro e à falta de

independência nacional. Os principais responsáveis pela tentativa de “vilanização” da imagem EUA no Brasil, segundo a USIA, foram os comunistas brasileiros.

A modernização da imprensa brasileira não foi a única mudança que chegou ao jornal *O Globo*.⁴⁸ A partir do início da década de 1950 sua postura passou de informativa, posicionada claramente mas moderadamente, para algo mais combativo e enfático quanto às opiniões de seus editores e redatores, comparando com os anos anteriores. Apesar dessa mudança notável a quem se dedica a estudar suas práticas, *O Globo* ainda preservava uma certa objetividade, exigindo do leitor um esforço para interpretar as entrelinhas. Conseguiu de certa forma manter ao mesmo tempo a objetividade e opinião. Segundo Ribeiro (2000, p. 93) Ao longo das edições durante os anos depois do início da Guerra Fria é possível observar a firmeza na postura quanto a assuntos de cunho político e econômico, alinhando suas opiniões às opiniões daquele que considerava o amigo mais fiel do Brasil.

O Globo sempre assumiu uma postura visceralmente anti-comunista. Na era Vargas, apoiou as perseguições desencadeadas contra os seus militantes. Durante o governo Dutra, solidarizou-se com o lançamento do PCB na ilegalidade, fez campanha para que fossem cassados os seus deputados e apoiou o rompimento das relações diplomáticas com a União Soviética (Ribeiro, 2000, p. 94)

Apesar de não expor diretamente o repúdio pelas relações entre Rússia e Brasil, o jornal utilizava como método comparar a política russa e a estadunidense utilizando uma linguagem intencionalmente negativa ou positiva, dependendo do objetivo. Por exemplo, a utilização de expressões como “Cavalo de Tróia”⁴⁹ ao se referir à “penetração” da URSS nas “Nações Livres”, organizando a manchete na página logo acima de uma matéria sobre “Violências de inspiração comunista”, “Ofensiva Soviética na América Latina” e um discreto artigo sobre as melhorias no comércio externo brasileiro causadas pela sua aliança com os Estados Unidos e o aumento na exportação de café para o país. Essa estratégia de localização das matérias dentro do jornal produz uma metalinguagem e é um instrumento discursivo fácil de ser executado através de associações, concordâncias e antíteses.

O aprimoramento de um órgão específico para a divulgação de propaganda e da ideologia dos Estados Unidos durante a guerra fria interferiu diretamente na mídia dos países onde chegava sua influência, e n’*O Globo* especificamente, segundo Santomauro (2015), se moveu para manter a linha anticomunista que já era seguida, aumentando sua força e diversificando abordagens. A proposta do firmamento da cooperação política e econômica

⁴⁸ Em 1953 já é possível observar as mudanças estéticas do jornal quando comparado à década anterior. Mais espaçamento entre as colunas, mais fotografias com melhor qualidade, figuras mais claras e divisão mais coesa.

⁴⁹ Edição do dia 21 de dezembro de 1955.

entre os países através da inserção cultural não era novidade na relação entre eles, estando presente inclusive como espaços físicos⁵⁰ desde antes da guerra, passando por Roosevelt e Truman até ser colocado em prática mais atentamente e expandido por Eisenhower.

Na época, a USIA publicava em jornais brasileiros artigos direcionados a diversos públicos e interesses, adaptados ao viés de cada jornal e focados em temas de grande repercussão no país. Em 1956, o jornal O Globo divulgou, entre 21 e 28 de maio, uma série exclusiva de artigos, anunciados na edição matutina e com horários de publicação alternados, intitulada "A morte vem de Moscou"⁵¹. As matérias, sem assinatura, descreviam assassinatos violentos cometidos por agentes comunistas, utilizando expressões duras como "algozes vermelhos" e enfatizando a deslealdade dentro do próprio partido. De acordo com Santomauro (2015), cuja pesquisa analisa a atuação da USIA no Brasil, essa série foi localizada entre outras reportagens nos arquivos da agência nos Estados Unidos e publicada no Brasil pelo Departamento de Imprensa estadunidense.

As histórias relembavam episódios de “hediondos crimes cometidos pelos comunistas brasileiros em obediência às diretrizes de ódio, de crueldade e de sangue que lhes vinham do Kremlin [...]”,⁵² no Brasil e no mundo, com pessoas “normais” como um padeiro, um estudante, um taxista, ou com uma figura notável e anteriormente aliada, como o assassinato de Trotsky no México. Pintando sempre uma figura traiçoeira, violenta e sem sentimentos, as matérias traziam resumidamente a história da vítima, do criminoso, como ocorreu o contato com o comunismo e como aconteceu o crime. Utilizavam-se também de diálogos criados para dar vida aos “personagens” da matéria, às vezes quase como um conto dentro da descrição. As vítimas são retratadas como inocentes, que se envolveram com membros sem saber o que significava ou entraram quase que sem querer no partido, seja por falta de informações verdadeiras sobre a ideologia ou por serem muito novas para saber o que estavam fazendo. As matérias trazem, assim, um tom de alerta.

⁵⁰ As sedes da USIS no Brasil existiam desde a primeira guerra.

⁵¹ Fazendo referência ao último artigo da série, que trata da morte de Trotsky, cujo assassino veio de Moscou.

⁵² Idem.

FIGURA 12 - Recorte do jornal *O Globo* do dia 21 de maio de 1956.(Acervo *O Globo*)

Na edição de 24 de maio, o artigo do dia traz um aviso ainda mais preocupante a seus leitores: não é preciso estar envolvido diretamente para sofrer as consequências. Utilizando-se de um crime cometido contra um motorista de táxi que sem saber havia transportado os cinco assassinos de um crime já descrito anteriormente na série. “Um chefe de família deixava de existir, vítima do instinto sanguinário de um grupo de assassinos, que tinham a missão de restabelecer o comunismo no Brasil.”⁵³ A matéria enfatiza que o idoso foi “morto à traição” e como o sangue frio dos criminosos chocou “profundamente os sentimentos cristãos da família brasileira.”⁵⁴

Mas não estava apenas na América Latina a necessidade de manter o controle contra a URSS. Em 1957 foi aprovado pelos Estados Unidos a Doutrina Eisenhower, uma política semelhante a Doutrina Truman, voltada ao Oriente Médio, em resposta ao crescimento do comunismo na região, sendo este a pauta internacional mais comentada nos primeiros meses do ano. Durante os dias antes e depois do discurso de Eisenhower em Washington, o jornal *O Globo* fez uma cobertura completa sobre a proposta do presidente, utilizando a estratégia recorrente de colocar juntas manchetes enfatizando a diferença entre as políticas russas e estadunidenses, como explícito no dia 05 de janeiro, ao posicionar sutilmente lado a lado as

⁵³ Edição do dia 24 de maio de 1956.

⁵⁴ Idem.

matérias sobre a defesa da doutrina para freiar os avanços comunistas e o assassinato de um ex-ministro francês na Rússia.

Dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o medo de um terceiro conflito ainda dominava o imaginário coletivo, amplificado pelas tensões da Guerra Fria, que serviam como justificativa para a política intervencionista dos Estados Unidos nos países situados entre os dois blocos. Os meios de comunicação alinhados com o governo destacavam a possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial e apresentavam soluções para evitá-la, enquanto a ideia de que apenas os Estados Unidos seriam capazes de conter um novo conflito e garantir a paz mundial, defendida desde a presidência de Roosevelt, se mantinha forte durante os mandatos seguintes, intensificando-se novamente no pós-guerra à medida que a URSS ampliava sua atuação em países de interesse estratégico para os EUA, como seus vizinhos na América Latina e as regiões produtoras de petróleo do Oriente Médio.

FIGURA 13 - Recorte do Jornal *O Globo* do dia 8 de janeiro de 1957.



**Dulles ao Congresso: a "Doutrina Eisenhower"
Afastará a Ameaça de Uma III Guerra Mundial** ⁵⁵

(Acervo *O Globo*)

Em 1958, em uma matéria publicada na segunda página do jornal *O Globo* no dia 22 de agosto, entre manchetes que abordavam temas como a denúncia de uma rede de infiltração comunista em Brasília, a violência em Copacabana e os riscos da energia nuclear, foi destacada a reportagem "Decisiva a influência da América Latina na Segurança do Ocidente". A matéria, apresentada em um quadro com três colunas, falava sobre o mais recente livro do diplomata estadunidense Adolf A. Berle. Na matéria o autor pede o apoio dos brasileiros para maiores participações nas decisões da política mundial, lembrando a participação do Brasil e a sua representação como América Latina na formulação de políticas para a manutenção da paz mundial e o fortalecimento dos acordos da ONU, tradicionalmente aplaudida pelo seu senso de justiça. Entre os excertos do livro publicados na matéria estão citações sobre o reconhecimento latino-americano e brasileiro dos Estados Unidos como líder mundial e uma figura protetora da América como um todo. A legitimação dessa posição pelos países americanos é apontada como essencial e principal fundamento dessa dinâmica.

⁵⁵ John Foster Dulles foi secretário de Estado do presidente Eisenhower entre 1953 e 1959.

A manutenção da paz do continente americano é apontada como prioridade, e a interferência de países não americanos deve ser proibida. Esse discurso permite e legitima também a forte presença dos EUA dentro dos países da América. Para finalizar o texto, uma declaração de Eisenhower sobre a Carta das Nações Unidas, justificando suas ações no Oriente Médio com o artigo 51, invocando o “direito inerente à defesa própria coletiva” e mantendo a imagem do presidente dos Estados Unidos como detentor da paz e o país como um “pai” do continente, reforçando com auxílio e apoio àqueles que se comportam dentro de seus objetivos e rechaçando os que se afastam deles, como Cuba ao se aliar aos soviéticos em 1961.

Entre os planos para conter o avanço soviético, estava a iniciativa científica, uma disputa que atingiu seu ponto máximo entre o final da década de 1950 e o início dos anos 1960, por meio da corrida espacial, que até hoje é amplamente discutida quando se fala sobre a rivalidade da Guerra Fria. O embate começou oficialmente no final de 1957 com o lançamento do Sputnik 1 pela URSS, ocupando as manchetes dos jornais. No dia 24 de outubro, a conquista do Sputnik dividia espaço na oitava página d’O Globo com matérias sobre as estratégias científicas dos Estados Unidos para superar os soviéticos e com a notícia sobre as “Falsas informações dos russos sobre o satélite”⁵⁶. Além da tentativa de descreditar os avanços soviéticos trazendo uma manchete sensacionalista sobre o lançamento do satélite, há a diferença de posicionamento da matéria. Segundo Barros (2023), o local de cada matéria também é relevante ao analisar a intenção do editor, já que notícias no final da página tendem a ser mais facilmente desconsideradas. Ambas as matérias sobre os soviéticos estavam localizadas ao final da página, enquanto as reportagens sobre os esforços americanos, embora menos impressionantes em comparação ao sucesso do satélite russo, ocupavam posições de maior destaque. Mas isso não quer dizer que o jornal não trazia as notícias, embora geralmente de forma tendenciosa, da URSS.

Em 11 de fevereiro de 1958 o jornal publicou uma entrevista exclusiva de Nikita Khrushchev para *O Globo*, onde tratou de assuntos como a carta aberta escrita ao primeiro ministro por Eisenhower, uma possível Terceira Guerra Mundial, corrida atômica e armamentista, zonas neutras, relações entre América e URSS, e o esforço pela paz. A matéria é, no geral, neutra. Provavelmente fiel às palavras de Khrushchev. Mas no final da entrevista, um extra:

⁵⁶ Apesar do título, a matéria traz apenas a informação sobre o tamanho do satélite; Edição do Jornal *O Globo* do dia 24 de outubro de 1957.

FIGURA 14 - Recorte da entrevista de Nikita Khrushchev no dia 11 de fevereiro de 1958



(Acervo *O Globo*)

No artigo de Russell publicado na edição do dia seguinte, as insinuações presentes nas manchetes anteriores são deixadas de lado. De maneira incisiva, o autor acusa Khrushchev de não merecer confiança, oferecendo uma paz nos termos soviéticos ou ameaça de guerra. Russell afirma, ainda, que a URSS é a principal responsável pelo conflito da Guerra Fria, ao fomentar a polarização e perseguir intenções de domínio mundial. Seus argumentos, apresentados de forma contundente e acusatória, não deixam espaço para questionamentos sobre o posicionamento de quem escreve ou de quem publica. O autor apresenta ao longo do texto uma série de argumentos em defesa dos Estados Unidos quanto às acusações do primeiro-ministro, que segundo o autor, agem exclusivamente em defesa própria ou coletiva, empenhados na busca pela manutenção da paz que tanto se almejou durante a Segunda Guerra.

Mas apesar de todos os esforços, o medo do avanço soviético se concretizou perto de casa. Em 1959 a Revolução Cubana abalou a posição dos Estados Unidos dentro da América e movimentou toda geopolítica do continente, enfraquecendo a posição de líder absoluto dos EUA e a inspirando outros países a saírem também da dominação.

4.3 O PRÉ DITADURA (1961-1964)

Seguindo a tradição de aclamação aos presidentes dos Estados Unidos, a posse de Kennedy foi também celebrada nas páginas do jornal *O Globo*. As manchetes de 1961 sobre o presidente destacaram a sua campanha de fortalecimento da América Latina contra o comunismo. Na época Cuba já era tratada como “tragédia” e a intenção era impedir o que aconteceu no país de se espalhar pelo resto do continente. Entre o alinhamento de Cuba ao bloco soviético e a situação econômica da América Latina, a figura de Kennedy como “salvador” da economia do continente não foi difícil de estabelecer. Em 8 de novembro, a matéria sobre a disputa presidencial nas eleições de 1960 foi curta, focada em sua maioria em lembrar aos leitores os avanços da URSS e a violenta ameaça comunista que se espalhava

pelo globo, e como a América do Norte era o pilar de sustentação do mundo contra essa invasão, independente do presidente escolhido para liderar a resistência.

A onda vermelha, quebrando marcos de fronteiras milenares, subjugando povos, destruindo tradições, avança sobre a parte do mundo ainda indene de suas influências. Sem o poder militar dos Estados Unidos e sua firme decisão de opor-se à marcha do comunismo ateu e apátrida, estaríamos já todos submetidos ao PCUS⁵⁷.” (Edição do jornal *O Globo* do dia 8 de novembro de 1960)

A posse de Kennedy reuniu figuras importantes das décadas anteriores da política estadunidense, ex-presidentes e primeiras-damas foram prestigiar o novo responsável por manter a paz mundial e proteger a América. A matéria expressa a esperança de que o novo presidente possa enfim “afastar de vez a guerra atômica que ameaça a terra.”⁵⁸ A manchete sobre a posse do presidente divide a página com o assuntos de maior interesse aos estadunidenses e também aos brasileiros, principal inimigo americano, o comunismo, e a ajuda entre os vizinhos americanos.

FIGURA 15 - Página do jornal *O Globo* do dia 21 de janeiro de 1961



(Acervo *O Globo*)

Parte da proposta de Kennedy como candidato à presidência dos Estados Unidos era iniciar uma era de desenvolvimento na América Latina através de projetos e programas de auxílio econômico, atingindo áreas deficientes dos países como educação, moradia e

⁵⁷ Partido Comunista da União Soviética.

⁵⁸ Edição do dia 20 de janeiro de 1961.

indústria, afastando-os de “situações problemáticas” como a recente mudança política de Cuba e as tentativas do avanço soviético no continente, e ao ser eleito, assim seus antecessores, visitou os alvos desse planejamento. “Kennedy afirmou que vinha à Colômbia com o mesmo espírito de Roosevelt, quando em 1934, visitou o país para estabelecer uma política de boa vizinhança. [...]”,⁵⁹ e discursou que continuaria essa política através da Aliança para o Progresso, oficializada em 1961.

Segundo Silva (2008), a Aliança para o Progresso foi um programa de ajuda político-social de cunho ideológico e instrumento essencial para o controle do avanço do comunismo na América Latina. A propaganda dos Estados Unidos no continente continuou, no geral, com os mesmos objetivos do governo Eisenhower. Apesar da mudança de partido entre os presidentes e a intensificação à tentativa de controle política interna dos países causada pela Revolução Cubana, a USIA continuou atuando como estava acostumada na última década, apenas mais intensamente, diversificada, em maior escala, e em outras áreas. “[...] pode-se entender que a propaganda estadunidense tinha como pretensão influir decisivamente sobre as ações de grupos sociais para os quais era dirigida. Em outras palavras, as ações de propaganda do governo dos Estados Unidos possuíam clara função ideológica” (Silva, 2008, p. 51).

Durante 1961, as matérias sobre a Aliança para o Progresso vinham, em sua maioria, acompanhadas na mesma página por notícias preocupantes relacionadas à URSS ou ao avanço do comunismo na América. Em 10 de Julho de 1961, a quinta página do jornal trazia duas manchetes em destaque, que não poderiam ser exemplos melhores do contraste buscado pelos editores: Em cima, no canto direito da página, “Nova manobra de Khruchtchev para intimidar o Ocidente”, a no centro, destacado em negrito, “Kennedy: Aliança para o Progresso reforçará a segurança do Hemisfério.”⁶⁰

Ao mesmo tempo que estava acontecendo as negociações e o firmamento da Aliança, os Estados Unidos colocava em prática também o processo de isolamento cubano, único país da América Latina a não assinar o acordo. As matérias sobre a Aliança e seus benefícios e apoiadores no dia da assinatura dos documentos foram colocadas lado a lado com seu oposto: resultados violentos após um discurso de Che Guevara no Uruguai; a ausência de Cuba na Aliança; ataques comunistas na Alemanha. No final da página, entre duas matérias sobre a Rússia, uma declaração de Fidel Castro duvidando dos resultados da Aliança.

⁵⁹ Edição do dia 18 de dezembro de 1961.

⁶⁰ Edição do dia 10 de julho de 1961.

FIGURA 16 – Recorte do jornal *O Globo* do dia 18 de agosto de 1961

**REPERCUTE EM LONDRES E PARIS
A ALIANÇA DAS AMÉRICAS**

LONDRES, 18 (A. P. — O GLOBO) — O jornal "The Times", comentando a Declaração de Punta del Este, faz hoje uma advertência contra a ajuda com vinculações políticas, e prevê que isto poderá ferir o orgulho nacional dos países latino-americanos. Afirma o jornal que "este perigo continuará perseguindo o programa e exigirá tato e firmeza. Um dos meios de atenuá-lo é não exigir apoio político, o que felizmente e reconhecido agora em Washington".

Comentário de "Le Monde"

PAIS, 18 (P. P. — O GLOBO) — Um editorial intitulado "um grande esforço para a América Latina", o periódico "Le Monde" comentou ontem o anúncio da Aliança Para o Progresso. Disse o editorialista que a Conferência de Punta del Este, "apesar das enormes dificuldades materiais que restam a superar, abriu uma nova página na história da América Latina". "Le Monde" aponta, porém, a seguinte nota de pessimismo: "Concedendo-se mal que os capitais privados se encaminharem em massa para a América Latina, quando desentram dos países que efetuem precisamente o número de reformas preconizadas pelo Presidente Kennedy".

Firme Passo Para o Progresso
NOVA YORK, 18 (P. P. — O GLOBO)

Entre os observadores dos assuntos latino-americanos, parece prevalecer a opinião de que a Aliança Para o Progresso deu um grande e firme passo no direção objetivo do progresso econômico social e cultural dos países do Hemisfério. A declaração do Secretário do Tesouro, Douglas Dillon, de que os Estados Unidos jamais concordarão que o atual regime cubano se beneficie da ajuda norte-americana foi aplaudida em termos gerais. De outra parte, houve críticas ao Congresso pelo fato de os Estados Unidos terem aceitado a extinção de eleições "livres" que havia sido incluída na versão original da declaração de Punta del Este. Alguns senadores disseram também que a atitude de Dillon na conferência foi demasiado conciliadora.

**OS EUA REPELEM QUALQUER
COEXISTÊNCIA COM CUBA**

PUNTA DEL ESTE, 18 (A. P. — U.P.I. — O GLOBO) — O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Douglas Dillon, reiterou ontem, em entrevista coletiva, que os Estados Unidos repelem qualquer espécie de coexistência com Cuba. O chefe de delegação norte-americana à Conferência Econômica Interamericana falou à imprensa pouco depois da cerimônia de assinatura da Carta de Punta del Este. Salientou Dillon que enquanto Cuba continuar sob o controle de uma potência estrangeira — a União Soviética — não se beneficiará da importante aliança para o desenvolvimento econômico do Hemisfério. Sobre o acordo firmado ontem, Dillon qualificou-o de "marco histórico que inicia um ataque cooperativo ao subdesenvolvimento, para melhorar a sorte de nossos povos". Eleições também o trabalho das delegações que, a seu ver, conseguiram elaborar um pacto que servirá como "guia para o futuro das Américas".

Hoje em Caracas

Após ser interrompido se o Paraguai, governado pelo único ditador que resta na América do Sul, obtiver financiamentos da Aliança, Dillon respondeu que esta se destinava a "ajudar todos os nossos povos", acrescentando esperar que a assistência recebida pelo Paraguai se traduzisse em termos de maior liberdade para todo o novo disse país. Sobre se o levantamento das sanções contra a República Dominicana seria um pré-requisito para que a ilha recebesse ajuda da Aliança, respondeu afirmativamente. Dillon viajou hoje para Caracas, onde conferenciará com o Presidente Rómulo Betancourt, regressando amanhã a Washington.

**Ben Gurion
Formaria o
Novo Governo**

TEL-AVIV, Israel, 18 (A. P. — O GLOBO) — Circulos autoritários desta capital acreditam

(Acervo *O Globo*)

Só o nome "Aliança para o Progresso" já é exemplo do tipo de propaganda disseminado pelos EUA na década de 1960. A ideia de que vinha deles o progresso e a modernização através do auxílio econômico colocava os países em uma situação de dependência, e o bombardeamento de da mídia vendendo o *American Way Of Life* tornava impossível ignorar o desejo de se espelhar no país. Em contrapartida, Cuba era o único país da América Latina aliado ao bloco soviético, impedido de participar do movimento de modernização do continente e usufruir da bondade de seu vizinho ao norte. As matérias tratando de Cuba e sua política e economia, quando não possuíam um teor de receio e rejeição, enfatizavam a diferença entre os dois sistemas, o que Cuba perdeu ao largar o bloco capitalista, com um ar de superioridade.

As empresas norte-americanas em Cuba empregavam cubanos que falavam inglês, e eram peritos nas suas especialidades. Com a compra de máquinas à Rússia, os técnicos cubanos que não falavam russo tiveram que ser afastados, e foi preciso importar centenas de técnicos soviéticos e chineses para que a produção do país pudesse continuar, ainda que fosse escassa e ruim. Pouco a pouco, Cuba se foi transformando numa colônia manobrada de Moscou e sua política externa teve que seguir as oscilações incompreensíveis do Kremlin, contra todas as suas tradições, contra todos os seus interesses e à custa da riqueza nacional. (Edição do dia 19 de janeiro de 1962).

Dentro do Brasil, declarações como esta atingiam as duas principais divisões da sociedade, atingido a parcela que valorizava acima de tudo a independência econômica brasileira, e aqueles que prezavam pela ajuda externa estadunidense. Essa matéria, ocupava duas páginas do jornal, com duas manchetes grandes e no centro da primeira página uma fotografia de Guevara. “A invasão comunista de Cuba” resume aspectos da política, cultura, economia e relações entre os Estados Unidos e Cuba, chamando o país de “Colônia Soviética” em tom de aviso.

No Brasil, a ideia de uma ameaça comunista, exponencialmente aumentada desde a Revolução Cubana, foi uma das justificativas usadas para o Golpe Militar de 1964, cuja participação dos Estados Unidos continua em debate, mas se sabe que a desestabilização do governo de João Goulart provocada pelas elites e os militares brasileiros, teve apoio da propaganda dos EUA, que agia de forma indireta através de investimentos, apoio e financiamento político. Segundo Carlos Fico (2008), a certeza do apoio dos EUA e a ameaça de uma intervenção mais direta foi um dos motivos pelos quais Goulart não resistiu ao golpe.

Em 1963 as matérias sobre o presidente eram em sua maioria tomadas por críticas, reprovando seus discursos ou a forma como tratava seus ministros e se comportava no governo. Em caixa alta, lugar de destaque na página, e em 1964, a reprovação do governo Goulart chegou ao auge. No dia 13 de fevereiro, foi publicada uma matéria intitulada “A incerteza política reduz os investimentos no Brasil”, vinda de Washington, que trazia um relatório do Departamento de Comércio dos Estados Unidos, afirmando que os investimentos externos no Brasil foram reduzidos devido ao aumento do nacionalismo no país e que os números estavam sendo limitados à firmas já estabelecidas, desde 1961, sem estímulo para novos investidores. A crise político-econômica que se agravava no país desde o governo JK não atraía investimentos e seria essa solução, inviável naquele momento, que acabaria com a crise. Na mesma edição, uma página depois, a matéria que chama atenção é a “mensagem de Goulart ao Congresso Latino Americano de Juventudes”, de organização esquerdista, e segundo o jornal, feita por comunistas.

Acima da matéria sobre a aproximação de Goulart aos possíveis comunistas, uma manchete sobre as políticas antagônicas de EUA e Cuba.

FIGURA 17 – Recorte da edição do dia 7 de março de 1964.



(Acervo *O Globo*)

No fatídico dia 31 de março de 1964, na primeira página do jornal *O Globo*, é publicado um texto curto, no canto da folha, com a seguinte manchete: “A influência comunista no Brasil preocupa Washington”.⁶¹ Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2021), o governo de Goulart desagradou aos EUA desde sua posse em 1961, por suas ligações com a esquerda e viés nacionalista, que dificultaria o objetivo de conter a influência de Fidel Castro na América Latina. Ao contrário de presentes anteriores ou os que viriam depois durante o período da Ditadura, Jango não se empenhava em acabar com o comunismo no Brasil, embora valorizasse os valores morais e religiosos que eram usados como argumentos contra a URSS. Em seu governo a diplomacia com a Rússia foi restabelecida e os soviéticos investiram, em menor escala, na propaganda cultural no estilo dos EUA para tentar recuperar um pouco da sua imagem manchada pelos anos de anticomunismo ferrenho dentro do país.

Um funcionário do Departamento de Estado declarou ontem à noite que as recentes manobras dos elementos extremistas no Brasil indicam que o Governo do Presidente João Goulart está sob crescente influência comunista, o que causa profunda preocupação em Washington acerca do futuro do país. Segundo o porta-voz, a análise do Departamento de Estado sobre a ameaça comunista no Brasil publicada ontem pela Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Representantes, já está desatualizada, pois foi preparada em janeiro. A partir de então, acrescentou, a situação no Brasil tem-se agravado paulatinamente e o Governo brasileiro está caindo cada vez mais sob influência comunista. (Edição do jornal *O Globo* do dia 31 de março de 1964).

Logo abaixo, uma manchete negando a intenção de um golpe.

Em busca da edição do primeiro dia de abril de 1964, apenas a seguinte mensagem:

⁶¹ Edição do dia 31 de março de 1964.

FIGURA 18 – Comunicado do jornal *O Globo* sobre a falta de uma edição do primeiro dia de abril de 1964.

1 de abril de 1964

Na noite de 31 de março de 1964, O GLOBO foi invadido por fuzileiros navais comandados pelo almirante Cândido Aragão, do “dispositivo militar” de Jango, como se dizia na época. O jornal não pôde circular no dia 1º de abril. Sairia no dia seguinte, 2 de abril, quinta-feira, com o editorial que fora impedido de ser impresso pelo almirante, “A decisão da Pátria”. Na primeira página, um novo editorial: “ Ressurge a Democracia”. Também na primeira página desse dia publicou-se um texto (“A violência contra O GLOBO”) explicando os motivos pelos quais o jornal deixara de circular na véspera.

(Acervo *O Globo*)

A partir do dia 2 de Abril de 1964, iniciava-se os anos de repressão e violência vividos pelo povo brasileiro. Dentre os veículos utilizados para legitimar a Ditadura Militar, o jornal *O Globo*, impresso ou posteriormente televisionado, estava entre os principais. Apesar de, quando analisando o jornal, ser perceptível o posicionamento, o pedido público de desculpas foi feito apenas em 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal *O Globo* foi, durante muito tempo, voltado à classe média carioca, com conteúdos diversos e preços acessíveis a seus leitores. Nunca escondeu sua ideologia conservadora e manteve a postura mais acomodada durante a Ditadura, passando pelo AI-5 com poucos problemas quando comparado à seus concorrentes. Essa relação com o político e econômico dos jornalistas e editores, refletiu favoravelmente aos interesses da elite e da política estrangeira.

Apesar de não ser constante nem homogênea, houve sucesso nas tentativas de moldar a percepção pública do Brasil sobre os Estados Unidos. Isso foi possível não apenas por meio das matérias no jornal, mas também pela presença de influências em outros meios, como filmes, rádio, revistas e programas educacionais. O jornal *O Globo* desempenhou um papel ativo na criação de uma narrativa favorável ao imperialismo norte-americano, utilizando estratégias sutis, como o destaque de temas e figuras políticas, a escolha das palavras e a estrutura visual das reportagens.

Através da análise do conteúdo além do que o que está simplesmente escrito, é possível observar as estratégias utilizadas pela imprensa para moldar a percepção do leitor acerca de figuras públicas, políticas e temas de grande relevância para a época, e como estas percepções influenciaram na sociedade latino-americana como um todo, não apenas no Brasil. O posicionamento das matérias e o tamanho da tipografia utilizada para cada tema de acordo com o nível de destaque que era o objetivo foi a característica mais clara quando analisando as páginas, juntamente com quais outros temas foram escolhidos para rodear o tema principal. Uma crítica à URSS seguida de um elogio aos EUA, um destaque à violência de um comunista ao lado de um texto exaltando a intervenção econômica estrangeira. O uso de palavras e termos específicos de forma repetida ao longo das edições, para marcar na imaginação de quem as lê as características apontadas pelo jornal.

A pesquisa buscou, em pouco espaço, tratar de um recorte temporal amplo, que seria melhor beneficiado ao dividir-se em períodos menores para que seja estudado mais a fundo, ou em um formato mais extenso e demorado, dedicado a analisar minuciosamente cada texto e procurar nas entrelinhas seus interesses, mas a visão mais ampla da problemática não impede de observar as características comentadas, as estratégias desenvolvidas e os resultados apresentados.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BARROS, José D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.
- BRAGA, Paulo Romeu. Os interesses econômicos dos Estados Unidos e a segurança interna no Brasil entre 1946 e 1964: uma análise sobre os limites entre diplomacia coercitiva e operações encobertas. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 45, p. 46-65, 2002.
- BRASIL. Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Dispõe sobre o depósito legal de publicações, na Biblioteca Nacional, e dá outras providências. Brasília, 14 de dezembro de 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110994.htm. Acesso em: 03 de novembro de 2024.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.
- CATTAL, Júlio Barnez Pignata. *O estandarte silencioso: a United States Information Agency na mídia impressa do Brasil-Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa, 1953-1964*. 2011. Tese de Doutorado. 160 f. Universidade de São Paulo, 2011.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990
- DEMOGRÁFICAS, Tendências. Uma análise da população com base nos resultados dos censos Demográficos-1940 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2007..
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha história": o retorno da história política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 256-271, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso – Aula inaugural no College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FICO, Carlos. *O grande irmão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GALDIOLI, Andreza da Silva. *A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a política de boa vizinhança*. 2008.
- HIRST, Mônica. *The United States and Brazil: a long road of unmet expectations*. Routledge, 2005.
- JEANNENEY, Jean-Noel. *A mídia. Por uma história política*, v. 2, p. 213-225, 2003.

- LIMA, Junio Cesar Rodrigues. Roger Chartier, o universo simbólico e a escrita da história. *NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade e Medieval*, v. 4, n. 2, p. 181-189, 2011.
- LOCASTRE, Aline Vanessa. A OCIAA e a boa vizinhança nos Estados Unidos (1940-1945). *O Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial: estudos contemporâneos*, p. 53-67, 2020.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153
- MARIANI, Bethania. Imprensa de 1930 e memória histórica: uma questão para a análise do discurso. 1988. Tese de Doutorado. 278 f. (Dissertação em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. Unicamp, 1988.
- MONTALVÃO, Sérgio; LEAL, Carlos. O Globo: verbete, Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>. Acesso em: 19 de outubro de 2024.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50. 2000. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Revista Estudos Históricos*, v. 1, n. 31, p. 147-160, 2003.
- RIBEIRO, Ricardo Alaggio. A aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos. 2006. 384p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1604318>. Acesso em: 30 set. 2024.
- SANTOMAURO, Fernando. A United States Information Agency e sua ação no Brasil de 1953 a 1964. 2015. 334 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.
- SILVA, Vicente Gil da. A Aliança para o Progresso no Brasil: de propaganda anticomunista a instrumento de intervenção política (1961-1964). 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Mauad Editora Ltda, 1998.

SOUTO MAIOR, Luiz AP. Brasil-Estados Unidos: desafios de um relacionamento assimétrico. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 44, p. 55-68, 2001.

TOTA, Antônio Pedro. Cultura e dominação: relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Guerra Fria. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 27, 2005.

TOTA, Antônio Pedro. O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANEXO A - LISTA DE PRESIDENTES DOS DOIS PAÍSES E SEUS MANDATOS

EUA	Presidente dos EUA	Brasil	Presidente do Brasil
1933-1945	Franklin D. Roosevelt	1930-1945	Getúlio Vargas
1933-1945	Franklin D. Roosevelt	1945-1946	José Linhares (interino)
1945-1953	Harry S. Truman	1946-1951	Eurico Gaspar Dutra
1945-1953	Harry S. Truman	1951-1954	Getúlio Vargas
1953-1961	Dwight D. Eisenhower	1954-1955	João Café Filho (interino)
1953-1961	Dwight D. Eisenhower	1955-1961	Juscelino Kubitschek
1961-1963	John F. Kennedy	1961-1964	João Goulart